

PRÊMIO LITERÁRIO CARCARÁ 2022

CARCARÁ



Como
será o
amanhã?



Reflexões sobre a
retomada
presencial



ORGANIZADORAS
Giovana Rampazzo Teixeira
Eliane Maria Vani Ortega
Alessandra Kuba Oshiro Assunção

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente



REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL
DA UNESP

unesp



PRÊMIO LITERÁRIO CARCARÁ 2022

CARCARÁ

Como
será o
amanhã?

Reflexões sobre a
retomada
presencial

ORGANIZADORAS

Giovana Rampazzo Teixeira

Eliane Maria Vani Ortega

Alessandra Kuba Oshiro Assunção

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

2022



Revisão: Renata Bianchui Prado
Diagramação: Alessandra Kuba Oshiro Assunção
Capa e ilustrações: Murilo Corte Thihara



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho licenciado para fins não comerciais desde que atribuam ao autor original o devido crédito. Os usuários não têm que licenciar os trabalhos derivados sob os mesmos termos estabelecidos pelo autor do trabalho original. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da Informação - Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação - Unesp, Campus de Presidente Prudente

C254 Carcará [recurso eletrônico] : prêmio literário Carcará 2022 : como será o amanhã? Reflexões sobre a retomada presencial /organizadoras Giovana Rampazzo, Eliane Maria Vani Ortega, Alessandra Kuba Oshiro Assunção. – Presidente Prudente : FCT/UNESP, 2022
140 p.

ISBN 978-85-60554-18-8

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Contos brasileiros. 4. Crônicas brasileiras. I. Teixeira, Giovana Rampazzo. II. Ortega, Eliane Maria Vani. III. Assunção, Alessandra Kuba Oshiro. IV. Título.

Alessandra Kuba Oshiro Assunção
CRB-8/9013

COMISSÃO ORGANIZADORA / FCT UNESP

Cristina Maria Perissinotto Baron
(Diretora da FCT)

Ricardo Pires de Paula
(Vice-diretor da FCT)

Giovana Rampazzo Teixeira
(Depto de Educação Física)

Jaqueline Costa Castilho Moreira
(Depto de Educação Física)

Luis Alberto Gobbo
(Depto de Educação Física)

Ian Damaceno
(Centro de Estudos de Geografia do Trabalho - CEGET)

Alessandra Kuba Oshiro Assunção
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Fatima Regina Lucas
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Rafael Ribeiro Correia
(Aluno do Programa de Pós-graduação Multicêntrico em Ciências Fisiológicas)

Renata Bianchui Prado
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Silvana Silgueiro
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Tamara Casagrande Sanches
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Teresa Raquel Vanalli
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Virginia de Souza Nicoluci
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

COMISSÃO JULGADORA

Eliane Maria Vani Ortega

(Depto de Educação – FCT/Unesp – Presidente Prudente)

Berta Lúcia Tagliari Feba

(Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica)

Carlos Francisco Freixo

(Associação Prudentina de Escritores)

Nanci Moreira Branco

(Educação Básica – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – Presidente Prudente)

Sidnei Olivio

(Biólogo e Poeta – São José do Rio Preto-SP)

Tatiana de Araújo Severo

(Professora de Língua Portuguesa e Coordenadora de Gestão por Área de Conhecimento na Rede Estadual Paulista)

APRESENTAÇÃO

A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Campus de Presidente Prudente, lançou em 2020 o primeiro concurso literário denominado “Prêmio Carcará”, cujo objetivo é incentivar a criação artística e a autoexpressão literária, estimulando a reflexão, o gosto pela leitura e escrita, suscitando a circulação de novos autores no meio universitário.

Em meio ao caos pandêmico, o Prêmio surgiu com a intenção de que a comunidade da FCT/Unesp pudesse expressar sentimentos e reflexões com relação ao momento que estávamos vivenciando sob a temática “Pelos janelas: reflexões em tempos de isolamento”. Nesta segunda edição, o propósito era que os participantes pudessem refletir sobre a retomada presencial das atividades com o tema “Como será o amanhã? Reflexões sobre a retomada presencial”. A novidade desta edição é que foi aberta a toda a comunidade Unesp, não apenas do campus de Presidente Prudente.

Com a situação atípica que acometeu todas as instâncias da vida, espera-se que a arte sobreviva e faça sobreviver, garantindo que a escrita (ainda) pulse ou floresça na vida das pessoas.

O nome Prêmio Carcará foi pensado a partir de uma alusão ao informativo criado pelo Diretório Acadêmico “3 de Maio da FCT/Unesp de Presidente Prudente”, o “Carcará” que era composto de uma estrutura informativa

de ações que abordavam críticas políticas e artísticas de âmbito local, regional e nacional. Criado no ano de 1976, em meio ao período do regime da ditadura militar brasileira, o boletim visava, sempre com bom humor e conteúdo argumentativo, (considerados ofensivos por setores mais conservadores da instituição) combater e contestar episódios autoritários e repressivos, ações comuns à época do comando militar.

Nesta premissa, identificamos o boletim de 76 como a identidade do concurso literário, relacionando o momento impositivo de isolamento social, bem como, a situação nunca vivida até o momento com a oportunidade de extrair reflexões criativas contribuindo com o bem-estar da comunidade.

PREFÁCIO

No ano de 2021, em plena Pandemia, sentíamos que a Arte era parte do ar que precisávamos para conseguir viver de forma minimamente saudável em meio aos corpos sepultados e lágrimas por todos os cantos do mundo. Nesse contexto, na FCT/Unesp de Presidente Prudente, com a temática “Pelas janelas: reflexões em tempos de isolamento” lançamos o concurso de contos, crônicas e poemas. Ainda fechados em nossos lares, ou sem poder ter esse privilégio, trabalhando com máscaras e recorrendo à constante higienização das mãos, ou não... as produções nos deram ânimo para seguir e, neste ano de 2022, a Arte segue como parte desse ar que nos move para o futuro com esperança, quando começamos a voltar para os contatos presenciais.

Nesse contexto, o segundo concurso literário “Prêmio Carcará” nos provocou a expressar sentimentos e reflexões sobre o tema **"Como será o amanhã? reflexões sobre a retomada presencial"**.

Diferentes abordagens nos foram apresentadas e compõem esta obra. Visões marcadas por angústias em relação ao comportamento humano no sentido da destruição do planeta, insegurança ao voltar às experiências marcadas pelo contato físico, recordações ainda muito presentes daqueles que se foram, medo de que no amanhã enfrentemos outros vírus, inclusive o da indiferença, a

volta aos sons das salas de aulas após um período de separação entre professores e alunos por uma tela.

Reflexões sobre a vida dos seres humanos, tanto na esfera individual como coletiva, análises críticas remetendo a questões relativas ao que mereceria ser retomado, já que antes da pandemia já vivíamos situações que, em pleno século XXI, o homem não deveria permitir, em especial, a falta de cuidado com o outro, a violência e a injustiça.

É importante destacar que a esperança também compareceu nos diferentes gêneros da literatura na segunda edição do Concurso Literário Prêmio Carcará. Entre as diferentes expressões sinalizando esperança temos o desejo de maior sensibilidade, a importância de voltar a sonhar e não desistir de lutar por um mundo melhor, não apenas onde possamos andar livremente sem máscaras, mas incluir todos aqueles que já eram constantemente ameaçados pelas estruturas e instituições especialistas no vírus da indiferença.

Carlos Francisco Freixo
Associação Prudentina de Escritores

Eliane Maria Vani Ortega
Departamento de Educação da FCT-Unesp

SUMÁRIO

CONTOS **11**

O mistério da matéria escura	12
Ensaio sobre acostumar-se	18
Enquanto o sonho durar	23
A maçaneta	27
Café	33
Dentro deles viviam os dois	38
Dura tristeza ao avesso do novo normal	42
E foi assim que aconteceu	46
Paralelo	52
Redescobrir	56

CRÔNICAS **62**

Promessas vazias	63
Frágil	67
Pequenos sonhadores	71
A saga do herói acadêmico	74
Covidiana no ar	78
Hoje é o amanhã de ontem	81
No caminho é que ocorrem os instantes	84
O que merece ser retomado?	87
O retorno às aulas	91
Se te consola, eu também estou mal	94

POEMAS **97**

Ádvena..... 98
Dessora..... 100
Espectadora..... 102
A marcha da pandemia 104
Ao Sol rogamos 106
Carcará 109
De volta, seguindo a luz do Oeste..... 112
Poema do contente 115
Romagem..... 117
Vertigem 119

AUTORES **122**



CONTOS

O mistério da matéria escura

Sinésio Ferraz Bueno

O professor Haroldo acabara de acordar de um sono longo e profundo e examinava com grande atenção os detalhes do aposento que o acolhera. Notou que as paredes e os móveis eram claros, tudo muito limpo e bem-organizado. "Estou em um hospital?", perguntou ao homem que o observava com olhar atencioso. "Sim, professor, estamos em um hospital, eu sou o enfermeiro responsável pelo seu tratamento". "Me sinto muito bem, não tenho mais dores, não sinto falta de ar, então, estou curado da covid?". "Perfeitamente, você está plenamente curado, e logo terá alta". "Me lembro que eu estava internado, fui entubado, mas não reconheço esse lugar, eu fui transferido de hospital?". "Exatamente, o senhor foi transferido para nosso hospital". "O atendimento é pelo plano de saúde ou pelo sus?". "Nenhum dos dois, meu amigo". O professor Haroldo achou estranha a resposta, mas antes de prosseguir a pesquisa, observou que o calendário fixado na parede marcava o dia 15 de abril, que era justamente a data de retomada das aulas presenciais na universidade. Foi então que avisou ao enfermeiro que se sentia muito bem e não poderia deixar de estar presente no primeiro dia de aula, após dois anos de um fatídico intervalo letivo. Iria sair para trabalhar, e mais tarde retornaria a fim de continuar o tratamento. "Embora se sinta bem, e esteja recuperado da doença, o senhor ainda não está preparado para retornar ao trabalho". "Eu compreendo, mas entenda que não posso faltar nesse dia

especial". O professor Haroldo se levantou, trocou de roupa, e num piscar de olhos estava no campus universitário. Enquanto caminhava em direção à sala de aula, não se deu conta de que cumprimentava as pessoas, mas estas claramente ignoravam sua presença. Em pouco tempo estava em frente à sala de aula correspondente ao horário de sua disciplina naquele semestre, mas ao abrir a porta, ficou inteiramente surpreso com o cenário que presenciou: a sala estava vazia. Após mais de uma hora, sentado em frente à sua mesa, ninguém entrou na sala. Pessoas passavam no corredor e continuavam ignorando inteiramente a sua presença. Decepcionado, enquanto pensava em retornar ao hospital, percebeu a presença de uma pessoa que caminhava em sua direção. Era um homem de meia idade, que o professor Haroldo imediatamente percebeu como alguém conhecido, embora se sentisse incapaz de identificar de quem se tratava. O homem simplesmente parou diante dele, olhando fixamente em seus olhos. Foi então que o Professor Haroldo sentiu uma angústia profunda, movido pelo sentimento de que seria simplesmente impossível que aquele homem, que não conseguia identificar, mas que percebia ser alguém muito conhecido, estivesse em pé diante dele. Aos poucos, a angústia foi acompanhada de intensa fraqueza física, e o professor Haroldo desmaiou. Quando acordou, estava no mesmo quarto de hospital, se sentia bem melhor, mas sua mente mergulhara em uma perplexidade profunda, pois

não sabia onde exatamente estava e não entendia por que seus alunos não haviam comparecido à aula. Estava sobretudo muito incomodado, pois ter encontrado aquele homem era indiscutivelmente um fato real, mas ao mesmo tempo era um acontecimento impossível, porém não sabia explicar o motivo. Se sentiu a tal ponto angustiado e confuso que preferiu ficar em silêncio, sequer perguntando ao enfermeiro como havia sido reconduzido ao mesmo quarto daquele hospital. Procurou se manter em estado meditativo, recordando os últimos acontecimentos até sua internação por covid. Lembrou-se da atmosfera de tristeza que o envolvia nos últimos tempos, pois um grande amigo havia falecido nos primeiros meses da pandemia. Era com ele que o professor Haroldo podia compartilhar ideias sobre um tema que verdadeiramente o fascinava: a existência da matéria escura. Segundo as mais recentes descobertas da ciência, a matéria escura forma mais de 80% de toda a matéria do universo, e é constituída por partículas dez mil vezes menores que um elétron. Ela recebe essa denominação porque suas partículas microscopicamente diminutas não interagem com a luz, e por isso são inacessíveis à observação humana. O professor Haroldo apreciava muitíssimo conversar com seu amigo, pois a existência da matéria escura demonstrava a miopia das percepções do ser humano, que não é capaz de enxergar ou de perceber a maior e mais importante parte do universo. A perda do amigo adicionara às suas

reflexões sobre o tema uma atmosfera de melancolia metafísica que tornava o assunto ainda mais misterioso. Enquanto o Professor Haroldo permanecia mergulhado em seus pensamentos, o mesmo homem que o procurara na sala de aula estava no corredor do hospital, e perguntava ao enfermeiro, "tem certeza de que devo entrar, mesmo sob o risco de que ele desmaie novamente?". "Sim, fique tranquilo, nosso paciente precisa de você para que possa compreender toda a verdade sobre seu estado atual". O homem entrou no quarto e se fixou novamente no olhar de nosso personagem. Diante de nova angústia e perplexidade, o enfermeiro lhe falou: "Haroldo, mantenha-se firme, consulte o fundo de sua memória". Foi então que o professor Haroldo, após grande esforço rememorativo, reconheceu quem era o homem, e ao fazê-lo, subitamente compreendeu por que não havia alunos à sua espera na sala de aula. "Mas então, como é possível que nós todos estejamos aqui, e que existam esse quarto, objetos, paredes, e aquele belíssimo jardim que posso contemplar pela janela, e o sol brilhando lá fora?". "Nossa matéria escura, lembra-se, meu amigo? É ela que constitui a parte mais importante do universo". O professor Haroldo olhou para o enfermeiro com fisionomia interrogativa e indagou, "mas agora que estou aqui, e tudo o que sei fazer é meu ofício em sala de aula, como será meu amanhã?". "No universo, meu amigo, não existe nada estéril, a vida é eterno movimento em que tudo progride sempre. Levan-

te-se, troque de roupa, e venha encontrar seus novos alunos. Eles estão ansiosos para conhecê-lo".

Ensaio sobre acostumar-se

Thaíssa Diogo Gonçalves

Era um dia no futuro distante do qual só ouvimos falar. Um rapaz franzino, que acordara assustado depois de um coma que o fizera perder a memória, foi levado ao oráculo da cidade numa tentativa final de sua mãe de que ele se reajustasse a sociedade. Andava com uns modos esquisitos, o garoto, falando sobre guerras e indígenas e sobre uma pandemia antiga que fora vencida há anos.

Depois de uma breve introdução, a mãe saiu com as mãos em concha sobre o peito e aproveitou o tempo para ir à aula de diálogo - esta que surgira como um jogo de marketing genial após a demanda de milhares de pessoas que haviam se esquecido como conversar. A oráculo, que era gordaça e grave, deixou de lado os papéis que preenchia para prestar atenção à figura enfaixada a sua frente. Ele tremia e tinha olhos arregalados perscrutando toda a salinha abafada.

- Qual o problema, rapaz? Sua mãe muito me disse, mas preciso entender o que precisas saber.

- Um lapso de memória. Acaso consegues dizer-me em que pé estamos? A mim me parece estranho que haja no Youtube tantos tutoriais e que as lojas estejam todas fechadas e os pacotes estejam sendo entregues por vias remotas e sem contato pessoal. Parecem todos fechados dentro das próprias casas.

- Porque estão fechados todos dentro de si mesmos.

- E os indígenas?

- O que é que tem?
- Que aconteceu a eles?
- Mataram-nos todos.
- A pandemia?
- Também.
- E a guerra?
- Ainda não acabou.
- Então...

- Não te preocupes que estará seguro. A guerra agora é cibernética, sem bombas ou pedras, só opiniões controversas e muitos hits de sucesso.

- Há algo ainda que deixo escapar da memória... Céus, estou tão fraco. Como isso aconteceu?

- O que aconteceu foi isto: as pessoas acostumaram-se. Hoje há no governo um homem sem rosto e sem nome que ninguém conhece, mas que todos sabem existir por protocolar conhecimento; a religião está escondida em dogmatismos - não, não inventaram outro deus ainda -, e retrocedemos anos conhecendo nossos chacras e esquecendo de estudar nossas histórias. É uma nova pandemia, essa voltada para os próprios umbigos e necessidades.

“Os aplicativos de relacionamento foram banidos e as pessoas deixaram de se encontrar - agora tudo é online. Os psicólogos estão no topo da cadeia social agora: não há mais espaço nos consultórios e o curso se tornou quase uma demanda de elite no país. Em todo o mundo as línguas estão misturadas e o mandarim é o líder entre as

nações - que também, aos poucos, desistiram de globalizar-se, de comunicar-se, de intercambiar-se com o resto dos países.

“As desigualdades acabaram porque mais da metade da população morreu - fosse por vírus, por fungo, por acidente, por queda ou por abandono. Quem restou continuou seguindo sua vida, alheio à matemática fúnebre das partidas. Ninguém compartilha mais nada, nem saliva nem segredo, e foi banido do dicionário milenar uma palavra proibida que aqui evoco apenas para trazer-te conhecimento: excluíram, por falta de uso, a palavra Outro. Conhece-as tu?”

- Vagamente.

- A prática leva à anestesia, e a anestesia leva ao consenso do mutismo. Ninguém percebeu quando se tornaram todos, eles mesmos, a mesma massa cinzenta e inábil para as atividades sociais.

- Por que não diz isso a eles?

- Porque você é o primeiro que vem me procurar.

- Acostumaram-se, então? Todos eles?

- Todos eles. A própria companhia, quando não era bastante, se tornava insuportável.

Na internet, como pudera ver algum tempo antes de chegar a Oráculo, algumas personalidades ensinavam a difícil arte corporal do abraço conjunto: aquele dado a dois, espontaneamente- ou quase. Vira no percurso as ruas vazias e diversas propagandas de complexos vitamí-

nicos D, cintas modeladoras para jogadores sedentários e remédios antipsicóticos;

Ele coçou a cabeça.

- Sem guerra então?

- Sim, e sem indígenas.

- E a poluição, a quantas anda?

- Na mesma.

- Bem, então não é de tudo tão ruim assim...

- É, há lá suas vantagens em não ter de pensar complexidades ou autonomias.

O rapaz pareceu subitamente satisfeito com a resposta, e encerrando a conversa, guinou o assunto de um extremo ao outro, de repente despreocupado com a ferida na cabeça.

- Tu que pareces saber bem o futuro, responda-me ainda mais uma pergunta: acaso saberias dizer-me se esse ano hei de me casar?

A oráculo suspirou longa e profundamente, ajeitando os óculos escuros.

- Bem, quanto a isso nada te posso dizer, em amor nada garanto: eu sou apenas uma professora de história.

Enquanto o sonho durar

Marcio Roberto Pereira

*Far-vos-ei todos dormir
enquanto o sono vos durar
e far-vos-ei acordar
sem a terra vos sentir.*

(Gil Vicente, **Auto de Exortação da guerra**, 1514)

Nos dias atuais. Depois da pandemia. Durante a guerra.

Foi quando se encontraram no mesmo solo. Isso depois da grande epidemia que se alastrou pelo mundo. O vírus e a guerra. Dois cavaleiros do apocalipse. Assim nomeados, assim conhecidos. Não se sabe em que língua conversaram, mas tinham um objetivo em comum. Fez-se silêncio no céu quase por meia hora. Após esse intervalo trocaram suas experiências:

— Até que enfim, você deu uma trégua, hein? Que exibição toda essa com diversas variantes, dando novos valores para o alfabeto grego!

— Os fins não foram a contento. Não assustamos mais os humanos. Esses não aprendem nada.

— Eu estava aqui pensando: Se nem uma doença global conseguiu fazer com que refletissem sobre sua condição, será que uma outra guerra mundial mudará alguma coisa?

— Eu desanimei um pouco. Talvez tente algo mais poderoso no futuro...

Depois de um minuto de silêncio, retomaram o diálogo. Estavam sentados. Não jogavam mais xadrez.

— Acho que não adianta insistirmos. Eles preferem se matar sozinhos em nome de ilusões artificiais. Pior para você, que quer investir numa guerra...

— Pensei que isso os lembraria da morte...Assustá-los um pouco seria bom...

— Os humanos fecharão os olhos para tudo. Ficarão mais egoístas...

— Sempre viveram num nevoeiro, e pensando que não estão sós. Levantam prédios gigantes, mas não olham para o céu, constroem pontes e não percebem os mares e os rios...

— Meu caro, acho que não aprendemos muito também...Quanto mais escuridão, mais eles inventam sentidos para o nada, para a solidão. Dizem que podem superar, que podem reagir...

— Mas no fundo sempre voltam ao mesmo ponto.

— Acho que perdemos as batalhas. Não será por nós que eles deixarão de existir, mas por si mesmos. São suicidas em busca de novas formas de morrer...

— Quando aparecemos, não nos compreendem. Não querem acreditar que a vida é sem sentido...

— Falam em novo normal, mas o normal é sempre velho. Desde o primeiro ser, é nascer, sofrer, iludir-se e morrer...São criativos apenas em novas formas de violência...

— No caso dos seres humanos eu diria “destruir”.
Tudo que eles tocam perde o sentido...

— Ou ganha um sentido, uma forma de desengano.

— Podemos lhes mostrar a morte mil vezes, mas não deixam de ser cativos de suas vontades...

— Está ficando erudito, meu nobre cavalheiro...

— A arrogância humana nos ensina...

— Conseguem fabricar o mal sozinhos. Somos apenas instrumentos supérfluos...

— Farão coisas impossíveis. Acreditarão em milagres. Mas não se pasmarão que são eles os responsáveis pelas coisas visíveis e invisíveis, nesse lugar de solitude.

— Sim. Façamos nosso trabalho incompleto de chegarmos atrasados na festa que os seres humanos começaram e terminarão por si...

A maçoneta

Emilly Sanchez Barros

Em um dia nublado, com o cinza das nuvens em contraste a pesar em seus olhos, ela estava novamente sentada no chão, dentro da caixa.

Porém, dessa vez, há algo diferente. Uma maçaneta branca polida encarando-a, roubando sua atenção nos momentos mais inoportunos, fazendo seu peito se agitar e a curiosidade se torna cada vez maior.

A vista pelos vidros de seu refúgio é límpida, dando a falsa sensação de que ela realmente está lá fora, naquele campo imenso de grama baixa. Enquanto a garota encara a maçaneta, algo acontece.

Um feixe de luz solar abre espaço pelas nuvens e ilumina um lugar específico. No mesmo instante em que acontece, os olhos dela rapidamente voltam-se para o local focalizando a cena de duas pessoas sentadas sobre um tapete xadrez, conversando. O som é alto e o riso deles contagiante, de forma que a garota se sinta melhor, o mais próximo possível do vidro frente para o momento.

Ela observa em silêncio, atenta a todos os detalhes, tentando extrair o máximo de informação possível. Parece até uma invasão da privacidade, mas ela não consegue controlar.

Entretanto, um outro barulho a tira de seu estado de torpor, e, quando olha para trás, pode-se notar um novo feixe, iluminando dessa vez duas amigas caminhando com os braços entrelaçados, o sorriso em seus rostos emanando alegria em sua forma mais pura. A garota ras-

teja rapidamente para o outro lado da caixa, dando as costas às pessoas do piquenique. Ela sorri vendo as amigas e seu peito é arrebatado pela felicidade delas.

Em pouco tempo, todo o céu fica iluminado e o campo repleto de situações diferentes, memórias felizes de pessoas desconhecidas sendo amadas, acolhidas, acariciadas. Tão inesperado quanto essa situação, o coração da garota se infla de vontade de fazer parte daquilo tudo também, viver como eles.

Sua atenção se volta para a maçaneta. Seu brilho começa a seduzi-la.

Quando ela se levanta, a caixa parece dobrar de tamanho e a distância até a porta se torna grande demais. Ela respira fundo e avança, totalmente vacilante e repleta de insegurança.

Após uma curta caminhada, uma mão começa a esmagar seu coração. Ela arfa de dor, sentindo a repressão por completo, parando de andar. A porta volta a seu lugar original a apenas três passos dela, mas a dor no coração é forte demais para se mover.

São eles de novo.

“Você enlouqueceu? Quer jogar todos esses anos de proteção fora? Acha que tudo é tão bonito como eles fazem parecer?”

Ela continua olhando fixamente a porta, avançando depois de um minuto mais um passo, aumentando o nível de dor no peito.

“Como você pode ser tão ingênua, tão boba? Vai se deixar levar por uma mentira dessas?”

Depois de mais um passo, ela é capaz de encostar na maçaneta se esticar um pouco o braço.

“Como você pode, depois de todos esses anos de cuidado e zelo simplesmente sair assim, sem nem ao menos pestanejar todo o trabalho que tivemos com você!”

A garota levanta o braço, lentamente, direcionando a mão para a maçaneta, com movimentos leves e lentos o suficiente para que seu peito não seja esmagado por completo. Quando consegue encostar, ela para e pondera por um instante, sem saber o que fazer, abrindo-a antes de o último fio de coragem se esvaír pela grama.

No lado de fora, o vento é gelado e impiedoso. Embora cada rajada seja como uma faca em seu corpo, a garota estica os braços acima da cabeça e tenta pegar o ar, de olhos fechados

Faz muito tempo desde a última vez.

Com cuidado e medo, ela começa a caminhar lentamente, tentando chegar mais perto das pessoas. No meio do caminho, surge um rapaz todo de preto e olhar amável.

- Oi

Ela para e apenas o encara, sem entender quem é aquele e de onde surgiu.

- Então você finalmente saiu - Ele sorri - Estou surpreso pela sua coragem. Não me leve a mal, mas depois de todos esses anos, ninguém acreditava mais que isso seria possível.

Ele a olha no fundo dos olhos o tempo todo e ela não consegue entender o motivo disso.

- Você realmente ficou encantada por toda essa gente, não é? - Ele desvia o olhar, analisando rapidamente todas aquelas pessoas - Até que não é ruim. Ela concorda com a cabeça, sorrindo bem de leve.

- Infelizmente, você sabe que isso nunca vai ser para você, certo? - Ela para de sorrir e vacila por um instante - É realmente belo, mas nem todo mundo vai ter espaço para viver tudo isso e você é uma dessas pessoas.

A frase a atinge como um tapa na cara e ela abaixa a cabeça, encarando o chão, tentando se recompor e não dar ouvidos a fala dele.

- Pode tirar suas próprias conclusões de perto, se quiser. - Ele diz, levantando gentilmente a cabeça dela.

Eles então, caminhando lado a lado, se aproximam de uma das cenas felizes.

No instante em que chegam mais perto, o calor que emana das pessoas atinge em cheio a garota. Ela fecha os olhos e sorri, apenas sentindo.

- Você ainda está gelada - O garoto afirma, segurando a mão dela - Não tem como se aquecer apenas

vendo o sentimento deles. A única forma de se manter quente é ter o carinho direcionado a você.

A garota não se importa e apenas levanta a mão direita até tocar nas pessoas da memória, tentando roubar seu calor. No momento em que sua mão encosta no braço de um deles, toda a cena desaparece. Ela olha incrédula para a própria mão, assustada com o que fez.

- Acho que você deveria voltar para a caixa, é seguro lá. – O garoto afirma, de frente para ela - Você vai poder continuar observando os outros, seus momentos de alegria e criar na sua mente os seus próprios, inspirados neles, como você sempre fez. Se ficar aqui fora, precisará lidar com o fato de que nunca terá essas experiências. Você vai congelar de frio, ao ponto de se despedaçar em mil partes.

A garota volta a encarar os olhos amorosos do rapaz, decidindo o que fazer. Ela sente o peito tão pequeno que se torna difícil respirar e seus olhos lacrimejam.

Ele apenas sorri, abraçando-a.

Café

Thaíssa Diogo Gonçalves

O sino na porta avisa a chegada da mulher trajada de preto. Na padaria, o movimento típico das sete da manhã anuncia uma terça-feira ordinária junto ao cheiro fresco do pão recém-assado. É o local de sempre, típico, pequeno, apertado, com um só balcão, algumas cadeiras, uma televisão cinza e grossa dependurada num suporte antigo.

“Bons dias” - alguém a aborda, depois de um tempo em que fica parada em frente a televisão, absorta na chamada do jornal.

Ela responde, olha ao redor: há mais umas cinco ou seis pessoas. Estão todos mais ou menos quietos, mais ou menos cabisbaixos, mais ou menos distraídos nas próprias conclusões – e, se falam algo, é em tão baixo tom que desistem de continuar o assunto quando percebem que o outro não o ouviu direito.

Ela pega a fila do pão, sente a respiração quente e, de repente, tem a súbita noção de que a estão encarando, o pano sobre a face. É a única da padaria que ainda usa máscara, vestígio ingrato da pandemia que por muito tempo voou solta entre os temores e os pesadelos.

“Em todo o Brasil as atividades comerciais estão voltando a ter os horários de funcionamento normalizados...” - o homem grande no balcão aumenta o volume da TV no momento exato em que o jornal começa a ser transmitido. Quase uma provocação, quase uma pergunta escrachada, quase um insulto.

A mulher volta-se para a reportagem.

“Não será ainda muito cedo para que essas atividades retornem assim?” - ela pensa, também baixinho, também distraidamente, incomodada com os olhares de choça que recebe. “Será que me estranham porque ainda uso máscara? Todos aqui parecem muito confortáveis assim tão perto uns dos outros, assim tão dados à rotina, como se de fato tivesse sido sempre assim. Será só falta de costume esse incômodo que agora me amotina?”

Ela pensa se já se esqueceram, se tão rápido deixaram de lado a ameaça que jurou destruí-los há tão pouco tempo. Ela não esquece, não o pode fazer, não a tinham dito, mas no futuro ainda existiam fantasmas, ainda existia a memória, pelo menos para ela. Não fazia tanto tempo assim. Até o ano anterior ainda limpava as compras, ainda tirava os sapatos, ainda ouvia ecoando pela casa o cantarolar de sua mãe.

“Moça, quantos pães?” - o homem adelgado por detrás do vidro aquecido chama-a do devaneio que lhe passa sob os olhos. Ela pede desculpas pela distração, aponta uma sobremesa, que pede para viagem, e uma xícara de café. Abraçada aos pães, senta-se de frente para o homem grande e o percebe comentando algo sobre si para a mulher que está de pé ao seu lado. Antes que ele se vá, ainda tem tempo de ouvir sobre o exagero daquilo, sobre como tudo ainda viraria uma gripe, simples, dessas que se pega todo o ano, inevitavelmente.

E a venda de ingressos do Lolapalloza começa hoje! Grandes nomes marcarão presença nesse evento que promete ser um dos maiores shows... - a jornalista continua, trocando o assunto com a mesma agilidade com que se trocam mensagens em aplicativos de relacionamento.

“Sim, as pessoas esquecem, têm memória ruim-concluiu, levantando a xícara fumegante. – Elas encontram muito rápido qualquer outra distração, sempre...”

A xícara relutando entre a mesa e o ar. Lembra de como sua mãe preparava o café, forte, preto, sem açúcar, polvilhado de canela. Lembra de como amava aquele café e de como o queria, de como tentava encontrar naquele aroma de padaria o mesmo aroma que ela deixava na cozinha nas manhãs dos finais de semana em que ia visitá-la.

Ela leva a xícara a boca, a máscara abaixada até o queixo. Sente a temperatura da porcelana, confunde-se: é quente como a febre *dela* também o era antes de partir.

Não, ela recoloca a xícara na mesa, num movimento abrupto de decisão. Apenas uma lembrança morta e sem cheiro, é o que tem. Apenas um luto mal engolido socado às pressas garganta abaixo pelo desespero de chamar normalidade essa aberração denominada presente. Essa dor não se pode esquecer, não se mensura, é uma lembrança diária que tomou para si as vestes de um medo diário.

Ela não suporta mais o cheiro daquele café. Recolocou a máscara rápido, como se assim pudesse negá-lo, como se dissesse afaste-se para a imagem de sua mãe, presa na cama, tossindo, sofrendo, peito em chamas, afogando sem ar na atmosfera ingrata que lhe negou a vida. Recompõe-se. A memória da mãe a sufoca e nela abotam lágrimas de tristeza e saudade. Fingindo que tudo está bem, finge-se que nada aconteceu, é o que pensa.

Com a sacola em mãos, pães e doce, encaminha-se para a saída, ignorando os olhares dos outros- que agora de fato dispersaram-se para suas atividades rotineiras.

“Mais alguma coisa?” - A moça do caixa pergunta.

“Só isso.”

Ela paga, agradece, e vai embora.

A xícara com o café permanece, deixada para trás, esfriando.

Dentro deles viviam os dois

Marcio Roberto Pereira

Olharam-se. Não como antes, quando tudo eram rosas e vinhos. Agora parecia que tudo se transformara em espinhos e amargor. Quase um vinagre. Depois de tanto tempo juntos, começaram a perceber asperezas, ângulos que não se encontravam, paralelas sem fim, distantes e em caminhos opostos. Antes pareciam ir para o mesmo lado. O que causou tanto estranhamento? Olharam-se novamente. O vento soprou pela janela aberta. Ao passar pelo vaso de flores o perfume quase imperceptível trouxe lembranças para os dois.

Tony foi até a estante, retirou um livro em especial e abriu numa página e mostrou para Polly:

— Você se lembra desse dia?

Polly viu um pequeno ramalhete de flores já sem cor. Eram ligadas por um fino e quase imperceptível galho tão frágil que poderia se desfazer a qualquer movimento. Ela esboçou um sorriso e um breve brilho no olhar apareceu.

— Lembra que tentamos virar a flor do avesso sem rasgá-la?

— Diziam que poderíamos escolher o amor perfeito, disse Tony.

Os dois se olharam novamente e o vento ainda soprava de forma suave pela janela. O perfume havia se dissipado completamente.

— Nem parece que isso aconteceu há dois anos. E que éramos tão...

— Acho que foi o enclausuramento que nos fez mais...

Não conseguiam completar as frases, nem olhar para os olhos um do outro. Não percebiam que a sala ficava cheia de sombras com o passar da tarde. Tony fechou o livro. Franziu a testa e a sombra enfatizou as marcas de seu rosto. Parecia pensar em algo importante.

Agora que o mundo começava a tornar-se como antigamente — a maioria pensando em tirar a máscara para aproveitar a vida ou sua ilusão — eles ainda estavam com medo. Talvez de enfrentar o mundo, talvez do amanhã...

Ao retirar o prato e o copo da mesa, ele esbarrou no copo dela. Quase imperceptivelmente o copo se despedaçou no chão. Ficaram calados. A pouca luz que entrava no ambiente não era suficiente para mostrar os pequenos estilhaços que estavam no chão. Olharam-se novamente e possivelmente muitas cenas, ideias, palavras passaram na cabeça de ambos, mas o silêncio predominou. O livro estava fechado.

Tony abaixou-se e começou a catar os cacos e colocá-los na palma de sua mão. Com paciência e com a dedicação de quem estava fazendo algo especial, quase um trabalho de moldar novamente o copo na palma de sua mão, ele foi catando tudo. Dos cacos maiores aos bem pequenos. Levantou-se. Olhou para ela, mas ele não conseguiu ver seu rosto, coberto pela sombra feita pela

luz que vinha da janela.

Colocou os cacos no lixo e, como se nada tivesse acontecido, falou sobre o amanhã. Assunto preferido desde o começo do confinamento. Ainda mais agora, que a COVID deixava de ser o assunto principal. Talvez a guerra, as eleições, a Copa do mundo de futebol, ou tudo isso junto, deixassem o ontem distante. O hoje era uma espera, sentir-se incompleto...

Ela iria guardar o livro quando ele a chamou. Baixou a cabeça, abriu os braços e chamou-a de meu amor. Polly foi ao encontro dele. Um vento mais forte soprou, vindo da janela. Quase perto dele, Polly sentiu um pequeno caco de vidro entrar no seu pé descalço. Assim como o vento, a dor passou rápido. Só uma pequena gota de sangue saiu de seu pé.

— É verdade que se alguém usar uma coroa de jacintos, essa pessoa só diz a verdade?

— Eu acho que sim, pelo menos é o que dizem - disse ela.

Ele retirou um galho das flores azuis que estavam em cima da mesa. Fez uma coroa de flores de forma rudimentar. Nesse momento não pensavam mais nas flores dentro do livro que já não possuíam o azul que um dia tiveram. Com as flores vívidas e cheias de azul, ele colocou o galho sobre a cabeça dela e perguntou:

— Você ainda me amará amanhã?

— Seu bobo...disse ela sorrindo e abraçando-o...

Dura tristeza ao avesso do novo normal

Gabrielly Doná

- Oi, dona Maria, precisa de alguma coisa? De algo do mercado?

- Não, minha querida, eu fiz compras hoje de manhã!

- Ok, quando precisar de alguma coisa pode falar que eu busco.

- Está bem, obrigada, Ana!

Dona Maria mora sozinha, viúva, os filhos e os netos moram em outro estado, quase não a veem. Agora, quando posso vou conversar com ela, pois quando estávamos em isolamento eu não entrava em sua casa, apenas conversava o necessário do lado de fora da porta.

Triste.

Mesmo com a retomada da rotina presencial, sua solidão continua, mas dessa vez mais acentuada.

Sozinha em um apartamento enorme, e ainda sem contato com ninguém.

Sua alegria do dia? Ir à padaria e conversar com seu Oscar, o padeiro.

- Bom dia, seu Oscar. Vendendo muito pão?

- Não, dona Maria, não aparece quase ninguém, ainda bem que você ainda vem aqui todos os dias.

...

Naquela semana, seu Oscar fechou a padaria, passava muito tempo sozinho. Se despediu. Foi embora morar com os filhos em Porto Feliz, uma cidadezinha do

interior. Pelo menos algo temporário. Aquela padaria era sua felicidade diária e não se desapegaria assim.

Seus amigos ficaram ali, no mesmo lugar, eles cá e ele lá. Mas logo, logo seu Oscar voltaria e poderia rever os amigos. Assim esperamos!

Dona Maria, dia e noite se sentindo solitária, ainda mais agora com a ida do amigo, me ligou em uma madrugada no final de semana dizendo que não estava bem.

A levei até o hospital. Apenas ela entrou. Fiquei receosa. A suspeita era de Covid-19. Fiquei sem chão.

Mantive a calma e voltei para casa; fiquei me cuidando, por poder ser uma possível infectada. Fiz um teste rápido de farmácia, eu não tinha o vírus. Ainda bem!

Recebi uma ligação, era sobre dona Maria.

Positivo!

Não sabia o que fazer! Seus familiares não podiam vir, eu não podia ir vê-la.

Angústia.

Mas a vida é assim, com seus altos e baixos. Mesmo com o fim do isolamento esse vírus ainda estava entre nós. Não estamos seguros.

Não conseguia parar de pensar no seu Oscar. Dona Maria havia ido até a padaria naquela semana, pegou alguns pacotes de pão e devolveu um. Quem pegou aquele pão? Estaria no grupo de risco? Não sei. Mas dona Maria pagou em dinheiro para o seu Oscar.

Liguei para ele e contei o que aconteceu. Ficou preocupado com ele e com sua família. Seu netinho acabara de nascer há sete dias.

Desliguei, desejei todo o melhor e disse para eles se cuidarem.

Alta.

Sim, depois de quase duas semanas dona Maria recebeu alta. Voltou para casa e me deixou fazer as compras para ela. Ainda bem!

...

O distanciamento acabou, mas ainda me sentia distante de tanta gente.

Tanta gente que se mudou, que se foi ou que eu não tinha mais notícias.

Ainda tentava, diariamente, ligar para o seu Oscar, mas a ligação não era realizada.

Não conhecia sua família. Como eu poderia manter contato se ele estava tão longe e o celular não tocava?

Não soube mais dele.

...

Meses depois, uma placa em frente a sua padaria. Suspeita e intrigante:

VENDE-SE!

E foi assim que aconteceu

Maísa Pereira Ragovesi

Todo santo dia, em direção ao mesmo caminho, ela saía de casa.

Ana e sua melhor amiga, Clara, se conheciam desde que nasceram. Sabiam desde a comida favorita até a roupa que a outra usaria sem ter de perguntar.

Aqueles dois anos de escuridão as deixaram separadas por tempo demais. A dor da saudade, misturada com o sentimento de estar perdendo alguma coisa, com o sentimento de que a vida ia com pressa, martelava na cabeça de Ana, também, todo santo dia.

Ana amava Clara como amava a si própria.

Estava ansiosa para vê-la e se conheciam de tal maneira que nem precisavam combinar horários para se encontrar. Não importa o período do dia, ambas sempre apareciam na pracinha do bairro ao mesmo tempo. Ainda tinham de usar máscara, mas pelo menos já podiam se ver cara-a-cara.

Dessa vez as ruas estavam escuras. As corujas cantavam noite adentro quase como um aviso de que algo estava diferente.

Um arrepio transpassou seu coração e, mesmo naquele momento, Ana soube. Apesar disso, decidiu continuar seu caminho. Aquele aperto no peito não era nada demais, pensou. Seu único objetivo era reencontrar a amiga logo.

Passou pelo beco de sempre, sentindo o medo de sempre. Cantorolou a música de sempre até, finalmente,

virar a esquina de sempre. Ela estava quase lá. O conforto daquele abraço morno a atingiria e ela se sentiria... bem? Acreditava que sim. Iriam trocar histórias e rir juntas. Tudo estava bem, como sempre.

Foi aí que começou.

Um sentimento desconhecido a tomou quase que por inteiro. Era insistente, porém pouco incômodo, então foi ignorado. A garota caminhou mais um pouco por uma ruela úmida e escura e aguardou sua amiga na pracinha de todo dia. Quando finalmente se encontraram, ah! Tudo fazia sentido novamente!

Se abraçaram, riram, trocaram comidinhas, conversaram e, então, a hora de ir para casa se aproximou. Sendo assim, se despediram e cada uma seguiu seu caminho.

Ao se afastar, Ana notou que sentia alívio. Provavelmente por poder ir embora o quanto antes. Estava escuro e ela precisava estudar para algumas provas. No dia seguinte, Ana saiu de casa novamente em horário noturno, porém, quando chegou ao lugar de sempre, Clara ainda não estava lá.

Como aquilo era possível? Clara estaria bem? Eram anos de amizade, ela avisaria se não fosse vir, não é?

A dúvida se dissolveu de sua mente quando avistou a amiga, alguns minutos depois, no fim da rua, com o seu sorriso e energia habituais. Apesar do atraso, riram, troca-

ram comidinhas, fofocaram e, por fim, mais uma troca de abraço morno antes de irem embora.

Assim que Clara saiu de sua vista, Ana pensou que não tinha certeza se queria ir ao encontro de amanhã e logo em seguida ficou incrédula com esse pensamento, de acordo com ela, egoísta. Por que não gostaria de ver sua amiga? Clara sempre esteve ali para ela, como ela poderia não querer estar ali para Clara?

Ana, então, fez o que fazia melhor. Embrulhou todo aquele incômodo e o enfiou no fundo de sua mente para que nunca mais fosse revisitado. Pena que dessa vez não adiantou muito, pois nos meses que se seguiram tudo desmoronou.

As amigas já não sustentavam as suas conversas por muito tempo. Ana já não gostava das comidinhas que Clara trazia para ela. Mas, afinal, Ana não sabia tudo sobre Clara e Clara sabia tudo sobre Ana?

Quanto aos seus sentimentos, Ana obtinha pouco sucesso em ignorá-los. O incômodo se tornou um zunido no pé do ouvido. O zunido se tornou uma palpitação no peito. A palpitação logo foi substituída por uma mente extremamente barulhenta e inquieta o tempo todo. Ela sentia como se fosse explodir. Mal conseguia respirar.

Só queria alguém.

As piadas se tornaram sem-graça. Os abraços? Quem gostava de abraços mornos? E os atrasos e desencontros, então? Cada vez mais frequentes. Clara parecia,

tanto quanto Ana, querer sair dali. Mas elas se amavam, queriam o bem uma da outra. Então, continuaram, mesmo angustiadas.

O último dia das duas foi diferente.

Ambas deixaram suas casas no mesmo horário. Ana estava inquieta. Notara que não queria se encontrar com a amiga. A mente estava mais barulhenta do que nunca. O peito doía e ela sentia que poderia cair e morrer ali mesmo, no asfalto, pois aquilo seria melhor do que ter de enfrentar o que teria de enfrentar. A garota se demorou no caminho até a pracinha. Tentava, a todo custo, adiar o inevitável. Quem sabe, se demorasse o suficiente, Clara já não estaria mais lá quando chegasse? A ideia de nada ser como antes a assustava e ela estava quase despencando no abismo de desespero cuja queda por meses evitara.

O turbilhão de pensamentos a acometera de tal forma que seus joelhos quase cederam. Sem Clara ela não seria ninguém, certo? Se a amiga que estava com ela por anos fosse embora, ela ficaria sozinha de novo.

Mas ela não esteve sempre sozinha?

Os pés pesavam mais à medida que o ponto de encontro se aproximava e ela havia perdido sua total noção do tempo. Vamos logo com isso! – Pensava.

Noite de lua cheia. O ar estava fresco e as corujas cantarolando num pesar fúnebre. A garota seguiu até a esquina de sempre com os sentimentos que agora se fize-

ram de sempre. O que ela faria? Não queria ver Clara, não queria estar ali. Assim que contornou a esquina, avistou uma figura parada no fim da ruela em frente à pracinha.

Pela primeira vez em muito tempo, sua mente silenciou.

Caminharam vagorosamente uma em direção a outra. A sensação era de que o mundo havia parado e só elas existiam naquele momento. Ana olhou para a mulher agora em pé a sua frente. Feições radiantes. Energia contagiante pairava no ar.

Naquele instante entraram em um consenso silencioso. Não se tocaram. Não fofocaram. Não trocaram comidinhas ou mesmo riram juntas. Perceberam, afinal: de que vale um abraço se não é quente?

Com um sorriso de canto e um olhar compreensivo, as antigas amigas retornaram seu caminho. Passaram uma pela outra, seguindo por lugares diferentes de onde vieram.

Ana a amava muito, só que não a conhecia mais.

Paralelo

Marcio Roberto Pereira

*Que é a vida? Uma ilusão,
uma sombra, uma ficção;
o maior bem é tristonho,
porque toda a vida é sonho
e os sonhos, sonhos são.*

Calderón de La Barca

Estacionou o carro às 19h34, na terça-feira. O tempo estava ameno e não havia muito trânsito. Uma igreja evangélica perto, quase na esquina, fazia um barulho que contrastava com o silêncio do restante do lugar. Nada incomodava William. Estava cansado do vai e vem do dia. Levando e trazendo, ou vice-versa, passageiros para todos os cantos. Uns com pressa, outros com impaciência. Uns calados, outros nem tanto. Sabia um pouco de tudo, retalhos do cotidiano, farrapos de notícias, pontos de vista de assuntos que ele mal compreendia. Tudo narrado por seus passageiros. William era um homem quieto, calado. Falava pelo olho e pelo sorriso de lábios fechados. Mostrar os dentes só em momentos de grande felicidade; tão raros para ele...Olhou uma revista esquecida por um passageiro. Na capa uma praia com águas azuis e um céu com algumas nuvens.

Duas horas depois, o som ao redor foi tornando um ruído apenas. Outros barulhos tomavam conta do lugar. Um ar-condicionado sem manutenção, um barulho de tol-

do rasgado etc. somente perceptíveis depois que tudo era quase silêncio. 21h35.

William continua parado à espera de uma chamada. Começo de semana sempre é mais calmo para um taxista. Sem contar a concorrência de motoqueiros, aplicativos, e tudo mais. Ninguém gosta mais de andar a pé. As calçadas estão vazias nesse horário, as ruas com alguns carros, algumas motos. Nada mais.

Parado embaixo de uma árvore, de uma praça que ainda sobrevive, William vê a estação de trem, do qual resta apenas o prédio e um único trem que funciona de enfeite. Do outro lado, um cinema que, apesar da imponência, quase nunca funciona. Tudo vazio e parado. Nem sequer esperando por vida. Estáticos todos.

O taxista não se sente muito bem, pode ser uma coisa que comeu ou não. Pode ser falta de água. Passar o dia todo sentado. Mil variantes para algo que lhe traz um calafrio, uma pontada no braço. Covid não seria, já havia passado por essa.

Tentou cochilar. Esperava mais um pouco ou iria embora. Percebeu que era o único no ponto de táxi. Resolveu cochilar.

Sentiu a areia da praia nos seus pés. Não estava sozinho. Um grupo distante olhava para o mar. William nunca tirou férias. Sentou-se. Viu um pôr-do-sol que era comum, não sabia diferenciar um bonito ou um feio. Até achava que ninguém tivesse presenciado o pôr-do-sol

mais feio do mundo... Levantou-se quando viu um homem passando e indo em direção ao grupo. Eram muitas pessoas, algumas crianças, indígenas, mulheres, homens. Todos tinham uma expressão contemplativa em direção ao mar, ao sol. Tudo era tranquilo, calmo. Sentiu a água bater nos seus pés, e percebeu-se descalço. Ninguém conversava, ninguém se olhava nos olhos. Olhou para trás e viu grandes árvores, de todos os tipos. Sem pássaros, só silêncio.

William foi se acostumando àquela situação. Percebeu que suas mãos estavam limpas e com uma suavidade que o fez tocar os lábios com elas. Sentiu uma enorme tranquilidade, e ao olhar as palmas de suas mãos, viu que as linhas ali gravadas faziam sentido. Tinham uma história que foi sendo feita minuto a minuto por ele e seus desejos. Suas dores, suas carências. Ficou mais perto da água e sentiu que havia uma brisa, nem doce, nem salgada, apenas leve. Parecia que essa brisa carregaria seu corpo, agora também leve.

Não se sabe ao certo, mas quando William foi encontrado morto, sentado no seu táxi, com ar de quem estava dormindo, já haviam passado dois dias. Os pedestres passaram, as motos e os carros já haviam passado, o tempo já passara.

Redescobrir

Pedro Pereira Spósito de Almeida

Verônica está no consultório, esperando sua vez, ansiosa, como se estivesse prestes a ir a um tribunal inquisidor. De repente, a secretária lhe chama:

— A senhora faça o favor de entrar. Doutora Maria Alice já lhe aguarda.

Verônica entra na sala e fica sem saber o que fazer, observando cada detalhe: A mesa, a estante, o divã. Maria Alice a fita, dizendo:

— Pode se sentar. Fique à vontade.

— Obrigada. Eu estou um pouco nervosa, confesso. — fala Verônica, sentando-se no divã — Parece aqueles filmes que a gente assiste na televisão. — continua ela.

— Olha, eu quero que você saiba que não vou te obrigar a falar nada que você não queira falar. Se quiser ficar mais relaxada, pode se deitar. — sugere Maria Alice.

Mas Verônica, com uma postura retraída, agradece e continua na mesma posição.

— O que aconteceu para que você me procurasse, Verônica? — pergunta a psicóloga.

— Bom, eu... eu sou professora, como a senhora pode ler na minha ficha. Eu acabei tendo um... um... posso fumar um cigarro? — pergunta a professora, já tirando o maço da bolsa que trouxera consigo.

— Você tá ansiosa? Eu acho que vai ser melhor você falar comigo do que fumar um cigarro, mas sem se sentir pressionada. Tudo a seu tempo.

Verônica olha Maria Alice com uma expressão an-

gustiada e começa a falar:

— A verdade é que eu tive um colapso nervoso... dentro da sala de aula. Eu sempre fui tão controlada, mas não sei o que houve.

— Quando foi isso?

— Há um mês. Eu estava na sala de aula e, de repente, não aguentei. Saí de lá e tive uma crise nervosa, chorando no corredor, como se fosse o meu primeiro dia como professora.

— Você dá aulas há quanto tempo, Verônica?

— Há 20 anos, mais ou menos.

— Bastante tempo, não?

— Nem sei quantos alunos já passaram por mim, pra falar a verdade. Às vezes, alguém me cumprimenta, dizendo que foi meu aluno e eu respondo por educação. — diz Verônica, soltando um riso de canto de boca.

— E como foi aquele dia pra você? O que você havia feito?

— A aula havia começado fazia algum tempo. Eu estava dando a matéria, como fazia sempre. Mas, de repente, todas aquelas crianças falando na minha cabeça...Sabe o que é dar conta de cinquenta pessoas ao mesmo tempo? Aqui, você recebe uma pessoa por vez e elas ficam aqui, onde eu estou, contando seus problemas e frustrações...Lá, não! Lá, eu tenho que segurar o rojão todos os dias. Naquele dia, no meio de toda aquela confusão, eu não aguentei.

— Verônica, e como foi o período da pandemia pra você?

— Difícil, mas... eu... con-se-gui... — De repente, Verônica caiu completamente no choro, enxugando os olhos em seguida— Foi horrível! Logo no começo da pandemia, o Leonardo, meu marido, chegou e disse: "Acabou!". Eu fiquei completamente tonta. No momento em que eu mais precisava de apoio, eu fui abandonada.

— E o que você acha que houve pra que esse casamento acabasse depois de...

— Vinte anos! Aconteceu como acontece com tantos casais.... A gente passou tanto tempo sem se encontrar, que quando foi obrigado a conviver, por causa da pandemia, já não se reconhecia mais. Depois, eu descobri que ele havia ido passar a quarentena em outro lugar, se é que me entende.

— Eu entendo. Imagino que a pressão não foi fácil...

— Não foi... Não foi! Pressão de todos os lados. A escola onde eu trabalho chegou e disse que precisávamos dar aula a distância.

— Como foi tudo isso pra você?

— No início, muitos alunos entravam e permaneciam, mas depois, quase ninguém entrava mais. Cada vez que eu desligava aquele computador e fechava a tela, me batia uma sensação de sufoco, sabe? É como se eu desse murro em ponta de faca, a mão sangrasses e eu insistis-

se... A solidão... — diz Verônica, parando de repente.

— Continua, por favor. Você está aqui pra falar e eu estou aqui pra escutar...— pede Maria Alice.

A professora, então, continua, finalmente se recostando no divã.

— A solidão que eu senti foi enorme. O silêncio foi perturbador. Chega até ser irônico.

— Como assim irônico?

— Eu pedi silêncio por tantos anos na sala de aula que, quando me deparei com ele, não soube como me comportar.

— E, de repente, você precisou voltar...

— Exato! Apesar de estar feliz por voltar, eu acho que a solidão já tinha meio que ficado impregnada na casa, sabe? É triste dizer isso, mas eu já estava acostumada com meu próprio abandono, com a tristeza daquela situação toda. Quando o barulho voltou, eu também não soube o que fazer com ele.

— Pra mim, também não foi fácil. Eu acabei perdendo... Deixa pra lá! A minha vida pessoal não interessa aqui. Você é a paciente!

— Se quiser falar alguma coisa, pode falar. Acho que todo professor é um pouco psicólogo também. É cada história que já ouvi nesses anos todos.

— Eu tinha uma filha que era médica e morreu atuando na linha de frente, durante a pandemia. — Diz Maria Alice, olhando o porta-retrato, enquanto deixa que

uma lágrima escorra — Mas eu não quero falar nisso — continua a psicóloga, voltando a olhar Verônica.

— Meus sentimentos!

— Obrigada! Aconteceu...

— Sabe, a sensação que eu tenho é que todos nós ficamos aleijados de nós mesmos, depois desse turbilhão que foi a pandemia. Todos precisamos redescobrir quem nós somos, eu acho. Não sei se as coisas serão como antes.

— Eu acredito nisso também. Ninguém é o mesmo. Mas é por isso que eu estou aqui. Pra te ajudar nessa reconexão. Bom, seu tempo acabou, mas eu te espero aqui, semana que vem. O que é importante que você saiba é que esse processo de redescoberta consigo mesma faz parte de uma longa trajetória. Hoje, foi só o primeiro passo. — termina a psicóloga, olhando o relógio.

— Bom, até semana que vem. — responde Verônica, levantando-se do divã.

— Até logo! — despede-se Maria Alice, com um sorriso.

— Até! — diz a professora, retribuindo o sorriso.

Depois de sair, Verônica caminha pela praia. Tira as sandálias e mergulha os pés no mar, sentindo o vai e vem das ondas. Olhando a imensidão azul, ela sorri. Sente que pela primeira vez, depois de muito tempo, voltou à vida.



CRÔNICAS

Promessas vazias

Maria Júlia Marega Postinguel

Após ligar meu computador e passar horas assistindo séries, decido ir dormir. Hoje meu dia não foi muito bom nem produtivo, me dispersei o tempo todo. Mas amanhã vai ser diferente, é uma promessa que faço.

Acordo com o barulho do trovão e decido levantar da cama, o céu está todo nublado, vai chover. Ao sair do quarto vejo a garota que mora comigo preparando o café da manhã, então decido ir para fora. Sentada naquela velha cadeira de área e ouvindo o suave barulho da chuva no telhado me pego pensando e sonhando acordada com um mundo normal, um mundo antes de toda essa confusão. O tilintar da chuva sempre me agrada e acalma, mas também me faz refletir. Olho a água escorrendo pela calha, cada gota junta numa sincronia perfeita e até um pouco maçante e percebo que muito se assemelha com minha atual condição, com esse costume tão cotidiano de acordar, ligar o computador e estudar olhando para uma tela fria, sem contato e sem calor que me deixou um pouco enferrujada para me relacionar com as pessoas. Algo que antes era feito com tanta naturalidade e agora precisa ser praticado como se fôssemos crianças novamente, crianças saindo do âmbito familiar para poder viver em sociedade, crianças saindo do conforto para o caos que é a vida real.

Sempre imaginei que minha vida seria perfeita, sem dificuldades e sem pressão. Acho que me perdi um pouco pensando nessas idiotices e esqueci de viver. Esqueci de

aproveitar o hoje intensamente, aproveitar o presente que é a vida. Sei que parece um pouco contraditório e até complexo dizer que a vida é um presente e ao mesmo tempo é difícil. Mas é essa complexidade que a deixa infinitamente mais rara.

Saio dos meus pensamentos e ando até a cozinha sentindo o cheiro do café fresco e dou início a uma briga interna, se devo ou não sair de casa, se devo ou não me arriscar num mundo tão selvagem e caótico... Realmente desaprendi a conviver com seres humanos.

Com a obrigação gritando dentro de mim saio de casa e chego atrasada na faculdade. Maldito guarda-chuva que não abria. Durante a aula fico com aquela insegurança de sempre e o medo recorrente de estar doente e contaminar outras pessoas. Qualquer tosse já vira uma inimiga cruel, que faz com que eu me sinta doente o tempo todo. Nem lembro mais quando foi a última vez que pude sair, mesmo que gripada, sem sentir culpa e peso na consciência. Será que nunca mais vou poder abraçar minha avó sem aquela pontinha de medo de estar passando algo para ela? Que saudade da época de criança, em que até pirulitos eram passados de boca em boca e nada acontecia.

Essas coisas me deixam triste, mas me acostumei a esse novo normal e isso me assusta. Me assusta pelo fato de que perdi a sensibilidade do contato, perdi a espontaneidade de simplesmente abraçar alguém. Como posso

dizer que as coisas estão voltando ao normal quando na verdade estamos apenas vivendo isolados em nossas próprias relações?

Quando olho para o relógio percebo que já acabou a aula e não me concentrei (grande novidade). Volto para casa e peço comida, não estou a fim de cozinhar.

Após comer decido me distrair um pouco com uma série que já assisti anos antes, acho que a sensação de nostalgia faz com que eu me sinta um pouco feliz. Após vários episódios decido dormir. Todos os meus dias estão sendo assim. Mas amanhã vai ser diferente, é uma promessa que faço.

Frágil

Thaíssa Diogo Gonçalves

Lembro-me de uma aula na faculdade. Éramos mais ou menos em vinte numa sala fechada e escura, olhando um telão projetado onde passavam imagens de células, milhares delas, parasitas intracelulares, bactérias. A professora falava sobre o sistema complemento, sobre como tínhamos barreiras físicas e químicas, sobre como éramos defesa, território hostil até para nossas próprias fraquezas.

De fato, até hoje me lembro. De como eram detalhados aqueles esquemas e mapas mentais, de como achamos, por algum tempo, que nosso corpo carne de fato era toda aquela resistência, aquela potência impenetrável e resolutiva. Quando entrei na sala de cirurgia hoje, muitos anos depois, já velho e de barba espessa, deparei-me novamente com essa questão ao ser chamado para atender um caso de litíase biliar.

Situação estranha esse confronto. Mesmo já tendo feito tantos outros procedimentos, a imagem do homem amarelo se desenhou tão nítida como aquelas milhões de células do projetor que vira aos meus vinte e poucos anos. Havia um homem magro, pequeno e enrugado, deitado na mesa de cirurgia. Amarelo de doença eram também seus olhos, que se projetavam ansiosos e perdidos antes que a anestesia pudesse fazer algum efeito. Ele estava nu - tão nu quanto chegara em vida -, atado a uma bolsa de urina. Antes de apagar de fato e permanecer, corpo inerte, teve tempo ainda de olhar-me fundo,

como se me perguntasse sobre seu futuro. Vai dar certo, doutor? Não sabia responder, eu não conseguia ler entrelinhas, e seria-me inclusive antiético tentar dizer qualquer coisa que pudesse acalmá-lo, disse-lhe falsas esperanças ou mais tempo de alívio. Quando o homem apagou e seu corpo pendeu, entregue à imunidade ativa que lhe traríamos, senti um imbróglio inexplicável e meu pensamento mais íntimo voltou-se para a fala de minha professora: como poderia sistema tão forte se render a tão pequena criatura, a tão pequena circunstância que era aquela cristalização no ducto biliar, a tão ignorante atitude.

Ao lado da mesa, o celular estava sintonizado numa rádio local que alternava música sertaneja e notícias de minuto. Era o contraste perfeito para o momento: amor e morte entremeados, notícias do aumento do número de casos com declarações românticas e dramas de superação de fundo. A vacina estava lá, estava dito. Muitos ainda morrem, mas, como é de se esperar em qualquer outra epidemia, uma hora esses números caem e esquece-se. E continua-se, declarações românticas, dramas de superação. Não me preocupa isso agora - a imagem do homem pulsando em minhas têmporas -, porque continuarão morrendo os homens amarelos e as crianças com amebíase.

Há batalhas acontecendo dentro e fora de nós. Levaram-me a crer que eu era imune a quase tudo, mas fizeram também com que eu visse que muita gente não era. Há no futuro a sombra de outra pandemia iminente,

latejando, que deixará morrer ainda outros corpos cheios de barreiras e fragilidades. Cheios de esperança. Se um vírus diminui numa população, outro, este milenar e mais cruel, ressurgem- o vírus da indiferença.

Frágil que era, o homem amarelo morreu algumas horas depois, de pneumonia avançada, sem que pudéssemos fazer qualquer coisa para ajudá-lo.

Frágil que somos, nos resta apenas descobrir o que nos matará amanhã.

Pequenos sonhadores

Nayara Campos dos Santos

Em março de 2020 anunciaram os mais importantes veículos de comunicação que um vírus estava sendo propagado, causando uma pandemia sem data marcada para chegar ao fim. Fui tomada pelas diversas sensações que não deve divergir dos demais em meu entorno, nesse grande devaneio de sentimentos, *Harry Styles* entoava seus versos musicados anunciando *o sinal dos tempos*.

A potência do pequeno agente patológico se consolidou ao transitar durante os últimos dois anos e deixou marcas. Negligenciado por aqueles que optaram por deixar o povo à mercê de alquimias e uma sucessão de estratégias propositalmente fatais. João, Maria e Silva, todos dilacerados, famintos.

Olhar para todos os efeitos causados pela pandemia e tentar encontrar alguma beleza em sobreviver, reencontrar-se dentro dessa imensidão social tão heterogênea e ao mesmo tempo fragmentada de diversas formas, eleva minha vã filosofia do viver para que eu disperse algo que há aqui, intrínseco, mas que se consolida em cada dia que acordo e penso que *tenho dentro de mim todos os sonhos do mundo*, assim como disse Fernando Pessoa. Sonhos esses que se materializam em cada rosto dos meus pequenos jovens sonhadores estudantes.

Para esses bravos sobreviventes que tiveram esse intervalo no ciclo dos acontecimentos marcantes forjados no chão da escola, lutemos pela liberdade de expressão de seus cabelos coloridos; das suas músicas dançantes e

incompreendidas; pela desconstrução dos preconceitos e do racismo estrutural. Que após essa tempestade a escola seja esse terreno fértil para todas ideias e ideais.

A saga do herói acadêmico

Fernanda Beatriz Pereira Cavalcanti

Irei fechar o texto assim: ainda não sei, espero um dia entender o que acontece hoje e como chegamos até aqui.

Até sei, na verdade, sabemos que a trajetória foi trágica, então vamos dizer: “foi a pandemia”, mas, foi muito mais, por mais que neguemos. E o que foi? Foi difícil, uma árdua jornada. Imagina comigo, se cada pessoa contasse ou escrevesse suas dificuldades ou dilemas vividos nesse período, teríamos histórias infinitas de cada indivíduo lutando e enfrentando seus desafios. Digo ainda mais, se tais histórias fossem contadas seriam até melhores que qualquer uma saga do herói dos contos de fadas ou mitologias. Mas, se adentrarmos nessa analogia de herói, estamos com um novo desafio e antes de explicá-lo, temos que entender como tudo começou e nas sagas a jornada se inicia com o chamado para aventura (e sabemos que “foi a pandemia”).

Começamos com a (des)aventura e despreparados. Sinceramente, queria saber quem ousa dizer que estávamos preparados para a condição. Ninguém estava, mas tivemos que fazer o que precisava ser feito: manter a Universidade viva. A situação foi de emergência. Uma emergência sanitária mundial que exigiu do mundo acadêmico uma adaptação dos autores que a mantêm, sejam professores, alunos, servidores e a comunidade, exigiu a criação de novas abordagens estratégicas para manter a atuação da Universidade no âmbito social. Tentamos, e

talvez nesse período, muitos de nós do mundo acadêmico tenha cometido alguns erros, e novamente: tentamos fazer o que foi possível para manter (da forma que dava) o ensino, a pesquisa e a extensão. E foi um verdadeiro ato heroico mantê-la viva já que os autores lutaram contra muitos monstros que ora se chamavam de insegurança, medo, luto, indisposição, falta de foco e perspectiva futura.

Mas os heróis nas sagas não se deixam abater pelos desafios por muito tempo. Seu enfrentamento sempre vem com a conquista de algo que é no fim para seu bem maior, e de todos os bens da Universidade. Falarei dos sonhos de tantas almas que tanto desejaram entrar na Universidade dos seus sonhos, ou no curso dos remotos sonhos infantis como “sonho em me tornar veterinário quando crescer”, falarei aqui dos alunos.

Vejo no contexto de jornada que o ambiente acadêmico é um local de transformação, há uma enorme capacidade de transgressão do não saber para o saber por meio da educação, e é claramente um processo, uma jornada que tem todas suas dificuldades e desafios dignos de um herói. E os alunos, como grandes heróis, estão repletos de seus sonhos e força de compromisso para conquistar sua sonhada princesa, chamada de diploma. No entanto, em todos os desafios enfrentados, também tivemos algumas cicatrizes podendo ser, em minha perspectiva, algumas inseguranças se realmente houve o

aprendizado de uma disciplina já concluída, a permanência da falta de foco e, claramente, uma forte desesperança e o surgimento de mais uma doença.

E sem nem dispor de tempo hábil para compreendermos e curar tais cicatrizes, o herói já se lança em um novo chamado, temos mais um novo processo de adaptação que é justamente o retorno ao presencial. Como as histórias dos heróis não estão descritas, não sabemos de fato o que aconteceu para cada um dos alunos, ou se bem que podemos imaginar que a maioria de fato sofreu com a falta do convívio entre outros alunos, entre professores e a comunidade local que a Universidade está instalada.

Nesse retorno, não sei de fato se há presença no presencial, não digo no geral, mas que há heróis que estão vulnerais. Talvez nossas cicatrizes sejam sequelas dos erros que cometemos. Na verdade, pode até ser sintoma de algo novo que devemos enfrentar nessa nova jornada. Ainda que compreender e definir seja laborioso, sabemos que há algo que mudou e, em todas as histórias após a conquista de algo, o herói retorna ao seu lar para dizer o que aprendeu e principalmente: o que mudou?

Ainda não sei, espero um dia entender o que acontece hoje e como chegamos até aqui.

Covidiana no ar

Daniela Magalhães Souza Jesus

Estava num voo para Lisboa, quando me deparei com uma dúvida cruel:

- Onde estava o álcool gel no avião e no aeroporto?
- Perguntei à comissária de bordo, indignada, sobre o descuido das ações preventivas pela companhia aérea.

Ela, calmamente me perguntou o porquê da minha preocupação. Então, irritadíssima, comecei a falar sobre o risco de contaminação, aumento das internações e complicações oriundas do Covid.

Nesse momento, os olhares da tripulação e passageiros se voltaram para mim. Todos entreolhavam-se e não conseguiam compreender as minhas indagações.

Repetiam as palavras:

- Covid?
- Vírus?
- Respiradores?

Era um voo com passageiros de várias nacionalidades. Pude ouvir: What? Was? Qué? Quoi?

A comissária solicitou que eu a acompanhasse, pois já havia passageiros com ataques de pânico. Seria necessário que tudo retornasse ao normal.

Quando cheguei a um determinado local do avião, havia uma porta e, sem que pudesse me proteger, a tripulação me aguardava e imediatamente fui lançada sem paraquedas para fora do avião.

Acordei num pulo da minha cadeira de balanço e a televisão estava ligada no noticiário. Falava sobre um ví-

rus que havia aparecido na China, mas nada que deveríamos nos preocupar.

Que sorte a nossa! Estamos no Brasil e é bem longe lá na China!

Hoje é o amanhã de ontem

Luiz Rogério Romero

Hoje é o amanhã de ontem,
Nos isolamos e retornamos, e pasmem, pouco mudou, ou até mesmo, piorou.
De onde olho, sinto a sociedade mais insensível, pouco solidária e mais egoísta. Mais? Sim, mais.

Lembro dos momentos difíceis, limitados quanto ao espaço e recomendavelmente isolados. A teimosa e recorrente esperança dizia: vai passar, sairemos melhores desta lição... Lembro do réveillon 2020-2021. Cansados do isolamento, tristes pelas perdas, revoltados com a patifaria política no Alvorada e sem vacinas previstas. Mas certos de que, como sempre, o ano novo seria melhor! Fazíamos planos, estruturamos mentalmente uma nova vida. Tudo isso, sem amparo científico na estimativa e indicativos de finitude, pandemia em janeiro ou fevereiro de 2021. Apenas empurrados pela verde e ingênua esperança de quem espera e espera.

Então chegou janeiro, e a ficha começou a cair. Ao contrário das fichas, os problemas subiam em números, números e outras proporções.

Se juntou a tragédia covidiana, a falta de ar. Faltou oxigênio para respirar. Literalmente cilindros de ar. Tão necessários para os acometidos pelo vírus, alastrado e se alastrando ainda mais, há um ano.

Inacreditável. Se eu tivesse lido, não teria acreditado nesta história. Obra da ficção, diria... Mas vivi para ver,

transmissão ao vivo de pessoas carregando cilindros com as próprias mãos tentando suprir o mínimo ao ente querido, após o desleixo máximo.

Depois disso, não espero mais o amanhã. Pois o amanhã, vai virar hoje.

E o hoje, já me basta.

No caminho é que ocorrem os instantes

Isabella Valino Teixeira de Bessa

O tempo costura as coisas, mas nem sempre o nó que se faz no ponto é firme o suficiente. **Apesar disso ainda sobra linha para se emaranhar no algodão.**

Pensei em começar dessa maneira, como quem inicia um quadro, sem ordens, apenas pincelando as palavras na folha branca. Feita essa seara e dada a palavra do plantio, cataloguei as abordagens e continuo existindo entre as coisas imóveis, que cotidianamente criam vida na minha memória e imaginação.

Na infância e na adolescência eu lia muito, lia todos os dias e acho que por ler tanto acabei inventando histórias, personagens, vidas. Descobri que poderia compensar meus nós escrevendo: talvez essa seja uma história de uma personagem qualquer, ou talvez seja minha (tentando fabricar histórias como quem fabrica uma casa para se sentir seguro).

Através da escrita cataloguei os meus pensamentos, como um balde abraça uma goteira, como uma desordem interna se acostuma com a volta da rotina, agora adaptada a composições que por hora não possuem muito sentido.

No momento em que escrevo, já estava compartilhando de como eu e a casa tínhamos nos tornado uma só. A casa cheirava a mofo e alecrim... umas flores colhidas do jardim defronte e empilhadas sobre a mesa de centro faziam o enfeite da sala, junto a objetos frívolos, o cômodo principal fazia-se aconchego.

Mas veja só... quando escrevo, tudo se evapora e a própria experiência se torna algo outro, como uma lembrança quente onde busco refúgio no cotidiano ou nas irregularidades do futuro onde me permito imaginar

No silêncio que habitava os dias comuns, escutava-se apenas o jasmineiro roçar seus galhos na janela de vidro que dava costas onde estava sentada...

O cotidiano ressoava como melodia nos meus ouvidos imprecisos. Eu gostaria de habitar o tempo nessa fresta dos sentidos, *como florescer*.

Divagações à flor da pele completavam mais um dia pacato.

Enquanto agora contava os traçados do meu bordado, pude ser atravessada na ânsia de repor as reflexões da volta ao mundo onde já não me sentirei eu mesma, como fonte de refúgio busquei aqui uma próxima história.

Não sei como será o amanhã, mas sei que é **no caminho que ocorrem os instantes**. Então me abro para experiência de poder sentir (com todo meu corpo) a retomada a um mundo de vidas que foram atingidas e que agora refletem no trajeto dos dias uma causa em comum.

O que merece ser retomado?

Fabiano Ferreira Martins

Aqui no Brasil a pandemia acabou. Ainda que não seja bem esse o quadro demonstrado pelos dados oficiais sobre novos casos e mortes atribuídas à Covid-19. Porém essa contradição entre os “fatos reais” e a “realidade dos fatos” não nos causa estranheza, já que estamos falando de um país onde o negacionismo científico se fortalece diariamente, alimentado por uma mistura hipercalórica de ignorância, preguiça e medo.

Para muitos, inclusive, a pandemia sequer começou. Tudo nunca passou de uma histeria coletiva mimizenta. Só mais um plano esquerdista para atrapalhar o glorioso progresso capitalista. O mais engraçado é que justamente esses que sempre desconfiaram da veracidade da pandemia, foram os primeiros a comemorar seu final. Irônico, não?

Mas o fato é que, com o fim da pandemia ou não, estamos aqui: vacinados (nem todos), aglomerados e sem máscaras. Na realidade o apetrecho ainda não foi totalmente abandonado, pois alguns ainda o utilizam corretamente (por resquícios de medo) e outros continuam utilizando-o da forma errada – a pandemia acabou e ainda não se sabe o que leva uma pessoa a usar a máscara pendurada no queixo.

Mas burrices à parte, estamos voltando aos poucos à “vida normal pré-pandêmica”, tentando recomeçar de onde paramos. Reabrir negócios fechados, retomar os estudos e o trabalho presencial, realizar as viagens adiadas

(para aqueles que ainda possuem grana pra isso), ir às festas (não mais clandestinas) e matar a saudade dos encontros e abraços ainda possíveis.

Contudo, esse também deveria ser um momento não só para retomar o que ficou suspenso, mas também para discutirmos e escolhermos quais modos de existências (no plural) realmente queremos retomar. Depois de tanta desgraça, tanto medo e tristeza, esse me parece um momento excelente para operar mudanças em nós mesmos, primeiramente, e em nossa sociedade (pensando de uma forma maior e mais utópica). Deveríamos aprender alguma coisa com essa tragédia e extirpar de nossas vidas o máximo de inutilidade, hipocrisia e mau-caratismo possível.

Deveríamos modificar aquilo que ficou claro ser passível de modificação. Ou seja, transformar a forma de encarar nossas prioridades na vida, entendendo de uma vez por todas que precisamos (infelizmente) trabalhar para sobreviver e não viver para trabalhar. Assim talvez, diminuiríamos nosso ritmo de produção e consumo e perceberíamos que já temos tudo, mas não nos aproveitamos realmente de nada.

Deveríamos destruir aquilo que nunca deveria ter sido construído, erguendo no lugar uma sociedade livre de toda forma de preconceito e violência e compreendendo que não há apenas um jeito de ser e estar nesse mundo, mas sim que há um mundo inteiro dentro de cada ser.

Por último, mas não menos importante, deveríamos retomar a vida sem nos esquecer de questões que ainda não obtiveram um desfecho digno e justo, pois infelizmente muita coisa ainda precisa ser exumada. Não haverá “retomada” para as quase 700 mil vidas ceifadas por essa doença em nosso país, e mesmo com o “fim” da pandemia, ainda não nos foi esclarecido porque a vacinação demorou tanto para começar no Brasil. Não haverá um amanhã para Bruno Pereira e Dom Philips e, passado mais de um mês de seus assassinatos, ainda fingimos não saber as reais causas do crime. Não haverá mais “vida normal” para a família de Genivaldo de Jesus Santos, cujos executores ainda estão (e provavelmente continuarão) livres. Quantos amanhãs ainda serão necessários para que venha à tona o nome de quem mandou matar Marielle Franco e Anderson Gomes?

Portanto, ainda não é hora de sermos “leves” (como gostaria Dona Cretina Duarte), pois há muito a ser esclarecido. É hora de limpar toda a terra que foi jogada para debaixo do tapete, trocando 100 anos de sigilo, por 100 anos de justiça e paz e, mais do que retomar a normalidade da vida, deveríamos utilizar esse recomeço para deixar bem claro qual vida aceitaremos continuar vivendo.

O retorno às aulas

Alex Lopes

Sento na porta de casa e amarro os sapatos com um nó improvisado. Faço o penúltimo carinho no cachorro curioso e saio de casa próximo das 13h. Geralmente o clima tem ficado ameno nesse horário. O perfeito clima interiorano e nostálgico do início da tarde. O ônibus amarelo rotineiramente cruza meu caminho com dezenas de alunos. Alguns gritam fazendo um *hang loose*:

Professor!

E eu sempre retribuo com um aceno rápido acompanhado do sorriso discreto no rosto. É interessante como antes ninguém me chamava por esse título e agora sinto um peso indesejado carregando ele. Antes eu era apenas eu. Agora sou o professor. Aquele que precisa ter cuidado com seus andares, falas e posicionamentos. Chegando à escola recebo mais cumprimentos dos baixinhos. As inspetoras medem a temperatura, atravesso portões e saúdo os colegas de trabalho.

Em todas as salas é possível ver o céu através das largas janelas retangulares. Durante alguns minutos enquanto eles fazem exercícios ou copiam, aprecio as nuvens espessas passando tão devagar. A vida aqui parece um filme de época quando tudo era mais lento e gostoso. De uma sala à outra, em conversas dispersas, os alunos comentam sobre suas quedas na aula de educação física. Caem numa atividade simples de corrida. Desaprenderam a correr.

Os alunos, todos os dias, brigam no recreio. Brigam na saída. Brigam. Ofendem o outro e ofendem a si mesmos num processo cíclico de agressões verbais. Os alunos desaprenderam a escrever, não sabem ler. O oitavo ano escreveu “água” em todos os cartazes dos projetos de ciências sobre a economia da água.

Algumas salas são barulhentas. Barulho lá fora e barulho aqui dentro. Dá para ouvir alguns barulhos dentro de cada um. Pedidos de atenção. Pedidos de socorro. Pedidos incertos sobre questões incompreendidas. Realidades tão complexas e tão trágicas...

Descobri que a escola é como uma caixa de mistérios. À primeira vista tudo é simplório e ordinário. Mas basta um pouco de atenção para reparar em detalhes invisíveis para muitos. Detalhes tão preciosos e precisos. Igual ao intenso crepúsculo que repousa na quadra quando o último sinal toca.

Se te consola, eu também estou mal...

Lucas Thomas dos Santos Rocha

Ela, a quem me refiro com tanto amor, nem sempre estava feliz - apesar de aparentar. Todos os dias enquanto a olhava da minha janela, via sempre a mesma cena, um livro, uma xícara de café e, claro, a moça deitada no sofá, depois se punha em pé e saía para trabalhar. Uma mulher quase que comum.

A esse anjo que me refiro, aconteceu algo trágico, primeiro tiraram-lhe a mãe, depois o pai, em seguida seu cachorro também resolveu partir – acho que esse fugiu. Bom, só sei que aos poucos a casa foi ficando vazia e de tão pequena não cabia ninguém - nem ela, a própria dona da casa.

Enfim, a moça do livro nunca mais deu as caras na sala e faz tempo que não vejo alguém a visitá-la – suponto que seja sozinha - nunca mais a vi ler um livro ou beber naquela xícara de café – pode ser chá, não sei ao certo. Mas para quem está curioso, ela não morreu! – disso eu tenho certeza.

Hoje me peguei pensando que eu mesmo poderia fazer uma visita, mas lembrei que estou muito ocupado - talvez amanhã eu vá - enquanto isso olho mais uma vez dentro da sala da sua casa. Se ela ao menos aparecesse ali, eu juro que perguntaria se está tudo bem, se precisa de um sal ou açúcar ou se aceitaria um bolo, juro que iria oferecer minha biblioteca – escassa de livros, mas ainda assim muito boa – mas a moça não apareceu mais outra vez.

Mas agora há pouco, uma janela, que fica ao lado esquerdo da varanda dessa desconhecida, se abriu - daí o motivo de eu saber que ela não está morta – talvez hoje suspire fora de casa, vá ao mercado, compre uma nova roupa, comece o ano de novo, ou apenas volte ao seu casulo – apesar de eu ter plena convicção que queira voar - não que eu saiba mais da vida dela do que a própria, ou antecipe seus passos, é apenas por querer conhecê-la – apesar de conhecê-la tão bem - sinto que me deixaria feliz.

Amanhã, sem falta eu vou bater em sua porta, vou oferecer um bolo de cenoura com chocolate e levar um bom livro para aquele anjo – juro que vou.



POEMAS

Ádvena

Erica Dias Batistela

Sai-se da casa
E cai-se no mundo
De todos

A boca, desacostumada ao riso
Afugenta pelo tecido
Ao risco

O olhar, distante a paisagem
De tanto dizer
É linguagem

O corpo, carecido de toque
Pende à alma
Sem temer o choque

E então o incorpóreo sustenta
O reencontro
Com o inerente

E lá fora, fora de si
De volta ao mundo
(Que é outro)

É perceptível
Que ser o mesmo será possível
Por fora

Mas por dentro
Nada mais será igual
Agora

Dessora

Miguel Sanches Zanirato

Talvez um pouco de nós,
Num pouco do mundo,
Despeça-se a cada minuto
Entre o afrouxar das mãos
Dos laços, abraços e descasos.

Talvez um pouco de tudo
Num universo profundo
Encontre-se em outros futuros
No resplandecer da luz
No simples acalmar das manhãs.

Talvez, ainda que o amanhecer
Pareça turvo, frio e sombrio
Nos manhãs de cada dia,
Esperar-se pelo riso do sol
A esperar-se por si mesmo.

E mesmo ainda, que a descontínua dessora
De mesmas e outras horas
Ressequem os horizontes,
Escondam o brilho das estrelas noturnas,
Naturalmente virão outros corações
A tanger vida um pouco melhor,
Um pouco sem dor,
Um pouco menos atroz,
Com pouco de todos os nós.

Espectadora

Luciana Orellana Valdez

O velho clichê de olhar o teto branco protagoniza minha vida.

Dormir tarde, acordar tarde e não conseguir fazer as tarefas do dia.

Ao meu redor as coisas caminham para a normalidade,

Mas eu mesma me sinto flutuando ainda.

Estou meio de um lado e meio do outro.

Terminando os estudos de forma remota.

Ao mesmo tempo, observando alunos que estão de volta.

É como um filme que eu assisto de fora,

Ações que vejo do meu aquário de vidro.

Não opino, não participo.

Sinto que passou tempo demais e eu fiquei deslocada.

Estou num cenário diferente do que planejava

E agora não sei mais o que fazer, aonde ir ou se devo ficar.

Só sei que não retomei totalmente minha rotina.

E, assim, sigo o dia a dia,

Como uma espectadora em minha própria vida.

A marcha da pandemia

Tiago Rafael dos Santos Alves

Alto!
Quem vem lá?
Sou eu...
Que mesmo com medo,
Ainda espero um novo amanhã,
Pois não sei o que esperar,
Entre as partidas e as chegadas...
Sobrevivi!
Sobrevivemos!
Com medo,
Espero o novo amanhã,
Pois não sei quem será o próximo,
Talvez, eu? Ou você? Ele? Ou ela?
Como saberei? Como saberemos?
Atenção!
Sentido!
Ou melhor, sentindo (muito)!
Por cada um que partiu,
Sem ao menos ter a chance de ficar,
Ou lutar!
Preparar... Des-can-sar!
Jamais...
Mesmo com medo
A luta continua!

Ao Sol rogamos

Giovana Devito dos Santos Rota

De repente pandemia, isolamento, solidão
Confinada em curto espaço, senti a revolução
Olhos na tela mergulhados, bem perdida em pensamentos
Vi crescer minhas raízes, mesmo no descontentamento
O olhar em queda livre, atenta a cada detalhe em mim
Aumentada a profundidade, descobri a força enfim
Mas, passada a fase crítica, percebi o essencial
Sofro agora com os ajustes
da vida presencial
As marcas são profundas
indelévels, doloridas
Ainda leva um tempo
para curar nossas feridas
Vivemos tantas despedidas
Tantos corpos se quedaram
Difícil esquecer tão logo
Quantas luzes se apagaram
Cada sorriso que se apaga
Apaga um pouco todos nós
Um nó no peito que maltrata
Saudade dura, dor atroz
Dias cinzas, obscuros
Tempos difíceis, violentos
Seguimos vivos, respirando
Superando o sofrimento
Quando o sol nasce
E tão brilhante

Rogamos brilhe fundo em nós
Nos erga firmes no caminho
Restabeleça nossa voz!

Carcará

Igor Salomão Monteiro

Eu carcarei, tu carcarás
Comigo está a ave carcará
Que futuro nos sobrevirá?
O que nos acontecerá?

Tal qual falcão vai voar
Devagar, vou imaginar
Divagar, vou elucubrar
Rapidamente vai raptar

Somos aves de rapina
Raciocina rápido a retina
Caçamos, comemos de tudo
Façamos, demos bom estudo

Quero viajar o mundo
Seja limpo ou imundo
Quero carcar mais fundo
Cavoucar profundo
Até o alimento encontrar
Até a essência encontrar

O futuro não é aquela carcada
Aquela bronca atravessada
Que dá aquela desestabilizada
O futuro é esperança renovada

Na retomada presencial
O afeto é essencial
A pauta ser horizontal
Cada dia ser especial

Apesar de a vida bater duro
Pode nos tornar maduros
Sem corações duros
Melhores no futuro

De volta, seguindo a luz do Oeste

Vitor Rodrigues Blanco

Dada a partida
da nova retomada,
estamos novamente
em posse da vida.

Dado este sol prudentino
novamente ardendo.
A luz do oeste chamando
o meu coração a sonhar de novo.

Deixa brilhar a luz
desta terra. Me seduz
a viver um novo dia
de uma vida nova.
Que, se discorre a descortina
do topo ao vale das colinas
do distante Paranapanema.

Tenho Deus como testemunha
da paixão desesperada
que me leva indomada
a batalhar pela minha presença.

E toda aquela saudade de outrora
torna-se em sede, agora,
de viver a vida.
Acordar todas as manhãs

sedento do azul destes céus
e obstinado a encarar o futuro.
Olhar nos olhos do futuro,
que são da cor dos meus sonhos.

Poema do Contente

Pedro Henrique Visentini Pantarotto

E foi de repente
Surpresa para muita gente
Onde ninguém mais se fazia presente
O barbeiro deixou de pegar no pente
Até o dentista já não via mais o dente
Caso sério! Neste país emergente
Forte, estranha e diferente
Aos jalecos, gratidão de coração fervente
Todos trabalhamos encarecidamente

De um povo heroico o brado retumbante
O jovem hoje parece muito inconstante
O mundo é cego e tu vens dele já dizia Dante
Graças a Deus o futuro é não obstante

O tempo melhora e a chuva é eminente
Dançar nela me parece ideia excelente
E depois da picada proveniente
O sorriso volta a ser vigente
E o abraço que não pude dar em muita gente
Agora me parece é muito coerente

Romagem

Miguel Sanches Zanirato

Na pós-pandemia destes tempos sombrios
Voltei a rabiscar de cores paisagens e casarios,
A recuperar alicerces, remover paredes,
Abrir janelas e portas, arejar os despensamentos,
Cultivar jardins de imagens a redescobrir sentimentos
Colhendo nas palmas das mãos o sol, a lua e algumas
estrelas;
Acolhê-las! Calejar os pés por caminhos de paz e luz.

Na alquimia deste pós distanciamento sem fim
Debrucei-me sobre um amontoado de letras e sons
Removi areias do sem tempo, cinzas e mínguas de horas
Abri outros livros adormecidos que a estante ora distante,
Ora ausente insistia em dar acalanto presente.
Para meu espanto de devassidão e pranto dormente,
Eis-me! Peregrinando para o infindo finito tão bonito de
mim.

Vertigem

Thiago de Moraes dos Passos

O orvalho
Escorre pelo 'rosto' da janela;
O que há por detrás?

Querendo despertar
O batente da porta, outrora dormente
recente: quer entrar?

Entremeando os dedos nos livros
Ardor de café - entardece
Quase se esquece...

Aquela saudosa sinestesia:
Do cheiro do abraço; o calor do sorriso
A cor de uma noite: mais uma vez, aqui!

Estes corredores abarrotados,
Será que sentiram saudades
destes ecos entoados?

Estas cadeiras, outrora vazias,
lembram do peso do mundo
que aguentavam?

É quase acreditável
Que os caminhos voltaram a ter
Os ruídos dos passos

É insuportável saber
Que por detrás destas presenças
Há insuperáveis ausências

Alívio intermitente:
Será a revinda um posfácio?
Resistência!



AUTORES

Alex Lopes

Nascido em São Bernardo do Campo, é formado em Letras/Japonês pela Unesp Assis. Aficionado por contos surreais e mitologia. Busca em seus textos retratar a beleza sutil da realidade e transpassar mensagens humanistas. Possui como grandes inspirações a cortesia dos britânicos, o fantástico dos japoneses e o naturalismo brasileiro.

Daniela Magalhães Souza Jesus

Nasceu na cidade de São Paulo, em 1977. Formada em Magistério, Ciências Biológicas e técnico em meio ambiente. Atualmente, estuda Pedagogia pela Unesp de São José do Rio Preto. Leciona para uma turma de 2º ano e gosta de produzir textos juntamente com eles. Ela gosta muito da natureza, moradora de Guarulhos, têm alguns animais de estimação, a cadela Nina, o gato Lord, o coelho George e recebe visitas barulhentas de papagaio, periquito, rolinha, tucano e até mesmo de um gambá.

Emilly Sanchez Barros

Estudante do curso de Química na FCT/Unesp, natural da cidade de Tupã. Foi vencedora da primeira edição do Prêmio Carcará realizado em 2020 pela FCT/Unesp na categoria de contos, possibilitando assim sua primeira publicação. Antes disso, todas as experiências literárias dela sempre foram apenas como leitora, sendo a escrita apenas uma tentativa de compreender o mundo e a si mesma. Quando não está ocupada lendo algo ou estudando química orgânica, Emilly pode ser encontrada assistindo alguma live do *streamer* Alanzoka.

Erica Dias Batistela

Formada em Letras pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP, pós-graduada em História da Arte pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) e cursa atualmente Psicologia na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis-SP. Em 2019, quando estudava poesia concreta, publicou na Revista Criação e Crítica n. 25 (USP) sobre Mira Schendel, uma artista que soube dizer com imagens e formas. Acredita no poder transformador - interior e social - da palavra; na boca, nos livros e em todas as formas artísticas. Pela palavra aprendeu e apreciou coisas diversas, e esteve também em

muitos lugares, fisicamente ou não. Não escrevia poesia há muito tempo, até que a palavra retomada, parte da temática proposta nesta publicação, tornou-se objeto de grande reflexão. Sua inspiração, então, vem da possibilidade deste recomeço (e de tantos quanto forem necessários). Seus contatos são: e.batistela@unesp.br (e-mail) e @ericabatistela (Instagram).

Fabiano Ferreira Martins

Ateu, roqueiro e antifascista, nasceu na cidade paulista de Rancharia, em 20 de maio de 1993. Filho de Cássia Cristina Porto Martins e Edivaldo José Ferreira Martins, licenciou-se em Geografia pela FCT/Unesp de Presidente Prudente-SP no ano de 2019. Atualmente reside com sua namorada e companheira de vida, Gabriela Martins Piva, no município de Bauru-SP, onde atua como Professor de Geografia para o Ensino Fundamental. Além de Geografia, interessa-se também por assuntos ligados às Ciências Sociais e Filosofia e por algumas expressões artísticas como música, desenho e literatura. Participou da primeira edição do Prêmio Carcará em 2021 com uma crônica intitulada “(Es)tanque”.

Fernanda Beatriz Pereira Cavalcanti

Eterna amante das padocas e simpatizante de pastel de feira acompanhado de caldo de cana, claramente é uma típica paulistana que possui a incrível capacidade de criar diferentes formas de pedir licença para quem a atrapalha na escada rolante do metrô. Se sente bem ao tomar seu café, e para alegria de uns e tristeza de muitos, ela acredita fielmente que café com açúcar é suco. É sonhadora, na infância desejou ser médica-veterinária e trabalhar com caminhões, mais tarde pensou em ser pesquisadora, muito insistente cresceu e conseguiu. Até conseguir, caminhou um longo percurso que em muitos momentos mordeu sua própria língua, sim ela fala muito e disse em inúmeras situações que jamais usaria a matemática e julgou que fórmula de Bhaskara não teria serventia em sua vida, pode rir, até ela mesma ri, pois hoje Fernanda é doutoranda e pesquisa modelos matemáticos de disseminação de doenças através de transporte de animais. Ela encontrou nas equações diferenciais, sua própria diferença e viu uma beleza naquilo que a deriva. Por oras é melodramática, a depressão então se tornou uma grande inimiga e incrível amiga. Apesar, dos pesares, encontra na arte o alívio do pensar, conectar e também desconectar. Interessado em saber sobre a Fernanda, ela posta

coisas das mais diversas (e ligeiramente, aleatórias) no seu Instagram: @cavalcanti_fer.

Gabrielly Doná

É formada em Pedagogia pela Unesp de Presidente Prudente e mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação pela mesma instituição. Foi bolsista de Iniciação Científica com pesquisas financiadas pela FAPESP e pelo CNPq.

É cristã, contadora de histórias, empenhada em aprender novos idiomas e ama ter sua família presente, como ela diz: mesmo longe, sempre perto! Sua paixão por livros começou desde criança e carrega esse amor consigo para a vida, uma vez que estudou sobre literatura infantil com temáticas fraturantes na graduação e estende esse interesse também para a pós-graduação. É Cellijete com orgulho e é grata por todo o aprendizado que adquiriu desde seu primeiro ano na Unesp, sendo parte do CELIJ. Este é seu primeiro texto literário, mas já publicou trabalhos científicos sobre sua área de estudo em livros, anais de eventos e revistas.

Se quiser saber um pouco mais sobre a Gaby, mande um e-mail para: gabriellydonaa@gmail.com; ou uma mensagem em seu Instagram: @gabriellydona.

Giovana Devito dos Santos Rota

É Defensora Pública do Estado de São Paulo, Coordenadora Regional da Escola da Defensoria Pública, desde 2007, Mestranda em Educação pela FCT-Unesp, Linha 1: Desenvolvimento Humano, Diferença e Valores, ganhadora do Prêmio Justiça Para Todos e Todas Josephina Bacariça de 2022, da Ouvidoria da Defensoria Pública, Categoria Defensora, pela participação importante na Implementação do Abrigo Sigiloso no Oeste Paulista para Mulheres em Situação de Violência Doméstica.

Instagram: @giovana_devito

Igor Salomão Monteiro

É psicólogo formado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 2010, atua como psicólogo na Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Rio Claro desde junho/2014. Escritor, poeta.

Em 2015, ele voltou a escrever após experienciar situação em que se sentiu injustiçado e ofendido por colega de trabalho, escrevendo sobre a necessidade de perdoar. Os 3 primeiros poemas a serem escritos foram: 1) Gente e o Perdão; 2) Silêncio (sono dos apóstolos, silêncio do Pai, crucificação de Jesus) e 3) Tempo Líquido (baseado em Zygmunt Bauman).

Gosta de refletir e escrever sobre Jesus, amor, perdão, fraternidade, solidariedade, compaixão, justiça, vida, morte, resiliência, hipocrisia, dentre outros. Gosta de trocadilhos, jogos de palavras, extrai poemas do cotidiano, tais como: folhas em uma árvore, poça d'água, comendo jabuticaba ou observando lanterna de caminhão. Por meio da poesia, é possível expressar qualquer sentimento, falar sobre qualquer assunto, alcançar diferentes públicos, enfim tocar as pessoas.

Já fez ação social de entrega de fraldas geriátricas e produtos de higiene em lar de idosos, após arrecadação em evento de poesia.

Premiações:

2º lugar na categoria adulto, no Concurso de poesias 2018 do Mês da Mulher, organizado pela Secretaria municipal de Cultura de Rio Claro-SP. Poema: Mulher de fases.

Participações nos seguintes livros:

1) Antologia Poética, Prêmio Poesia Livre 2017, Série Novos Poetas Nº 22, maio/2017. Vivara Editora Nacional. Organização e apresentação: Isaac Almeida Ramos. Poema Gente e o Perdão.

2) Antologia Poética, Prêmio CNNP 2018, Série Novos Poetas Nº 28, novembro/2018. Vivara Editora Nacional. Organização e apresentação: Isaac Almeida Ramos. Poema Fio condutor.

- 3) Antologia Poesia Agora, Primavera 2018. São Paulo: Editora Benfazeja, 1ª edição, novembro/2018, Organização: Luís Nogueira e Wellington Souza. Poema A facada.
- 4) Antologia Poesia Agora, Inverno 2019. São Paulo: Editora Benfazeja, 1ª edição, novembro/2019. Organizadores: Luís Nogueira e Wellington Souza. Poema Inverno Inverso.
- 5) FERRAZ, Lilian. Quarentena poética: coletânea de poesias produzidas em tempos de caos. Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2021. Poema Percussão Pertencente.

Contatos:

E-mail: igao82@gmail.com

Instagram: [@igorsalomaomonteiro](https://www.instagram.com/igorsalomaomonteiro)

Pseudônimo: Lis Pectro

Isabella Valino Teixeira de Bessa

Doutoranda no programa de Pós-graduação em Educação pela Unesp/Prudente. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Unesp/Marília. Tem um livro publicado pela Editora Dialética em 2022 fruto de seu trabalho de dissertação sob o título: *As aventuras da velhice na invenção de si e do espaço: a memória como subjetividade no mundo*. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo, onde defendeu o trabalho de conclusão sob

o título: Geografia dos afetos. Tem experiência na área de Arquitetura/Urbanismo e Interiores, atuando como arquiteta desde 2016 e atualmente desenvolve pesquisas nas linhas de "História e Filosofia da Educação" e "Desenvolvimento Humano, Diferença e Valores", com foco em questões voltadas ao universo da velhice, centrada no olhar sensível entre as memórias, o espaço e a poética que transita entre o esquecimento e a vida.

Contato: isabella-vallino@hotmail.com

Lucas Thomas dos Santos Rocha

Autor da crônica "Se te consola, eu também estou mal..." e de outras crônicas, poesias e contos ainda não publicados. Um tanto quanto igualmente dramáticas e às vezes, também, sem sentido.

O autor, atualmente, é estudante de biomedicina e apresenta em sua obra uma visão muito humana e real das relações sociais. Apaixonado pelo ser humano, entende que a valorização da saúde mental é uma forma poderosa de combater a depressão, os desafetos, as iniquidades e outros. Busca trazer em seus escritos reflexões sobre questões reais como relacionamentos, preconceitos e violências e outros tipos de inquietações da mente.

Apaixonado por livros desde cedo, começou lendo gibis e pequenos livros de contos na escola, ainda no en-

sino médio participou de diversos saraus, concursos e gincanas literárias, apesar de escrever crônicas o estilo de leitura que Lucas mais gosta é a poesia.

Outra característica do escritor é o afastamento das redes sociais, portanto, fica difícil acompanhá-lo. A única rede do autor é o Instagram. Onde você pode encontrá-lo com o endereço @lucxs.rocha.

Luciana Orellana Valdez

Prestes a se formar em Arquitetura e Urbanismo pela FCT/Unesp, Luciana tem nesta oportunidade seu primeiro trabalho reconhecido. Com seus 23 anos de idade, não possui uma vasta experiência no campo literário, mas sua paixão é antiga, sendo o Tumblr uma testemunha de seus devaneios.

Nascida na Bolívia e criada no Brasil, as diferenças culturais de suas origens e do meio em que cresceu culminaram na sua singular visão do mundo e na pessoa que se tornou.

De alma inquieta, seu envolvimento com a arte vem desde muito cedo. Na infância, demonstrava certa aptidão para desenhar, o que, inclusive, motivou sua escolha de curso. Já na adolescência, ela desenvolveu seu lado de escritora, aventurando-se em alguns contos. E,

atualmente, tem focado mais em poemas e roteiros de ficção.

Com ambições de iniciar uma carreira de roteirista, Luciana tem participado de alguns minicursos e palestras nessa área e criou um perfil no LinkedIn, onde pode ser contactada: Luciana O. Valdez. Ela também está presente no Instagram, para publicar seus poemas e reflexões: @artista_inutil

Luiz Rogério Romero

Professor de Educação Física e Doutor em Saúde Coletiva. Publicou três textos na 1ª edição do Prémio Carcará, nos formatos de Conto, crônica e poesia. Em 2020, iniciou na composição de músicas e no estudo de violão. Contato: luiz.romero@unesp.br

Maísa Pereira Ragovesi

É uma estudante de química de 20 anos e cursou seu ensino médio no Instituto Federal de São Paulo – Campus Avançado Tupã. Apesar de seguir a área das ciências exatas, Maísa sempre gostou de ler, escrever e até mesmo desenhar. Para ela, a escrita é uma forma de continuar vivendo nos dias difíceis. Geralmente pode ser encontrada estudando por algum canto da Unesp, no la-

boratório ou no restaurante universitário aproveitando toda a comida que três reais e cinquenta centavos podem lhe oferecer. Sua página de desenhos no Instagram pode ser encontrada aqui >@mr_artinha <

Marcio Roberto Pereira

É professor universitário na FCL/Unesp-Assis. Ministra as disciplinas de Poesia Portuguesa e Literaturas Africanas. É vegano. Acredita que num mundo que se mata a fome e não os animais.

Contato: marcio.pereira@unesp.br

Maria Júlia Marega Postinguel

Graduanda de Fisioterapia na FCT/Unesp de Presidente Prudente, nasceu no dia 28 de maio de 2002 em Tupi Paulista, interior de São Paulo, porém cresceu e mora na cidade de Monte Castelo.

Desde sempre foi apaixonada por leitura e livros de romance, tendo como apoio seus pais e professores, que sempre a incentivaram. Ainda não possui obras publicadas, porém o seu maior sonho é publicar seu livro de romance que está em andamento a alguns anos.

Nascida e criada no interior, sempre gostou de estar na natureza e de passar seu tempo curtindo a

companhia de amigos e familiares. Também dedica suas horas a sua fé católica. Ela ama comer e contar piadas, sempre tentando ao máximo deixar todos felizes.

A faculdade de fisioterapia a fez ver o mundo com outros olhos, e a amadurecer, porém seu sonho de ser escritora segue vivo e ardente dentro de seu coração.

E-mail: mariajulia_mpostinguel@hotmail.com

Instagram: @mariajulia__mp

Miguel Sanches Zanirato

Nascido em 23 de setembro de 1965, em Cândido Mota-SP - Brasil. Desde 1972, reside em Assis, cidade do interior paulista. Graduado no curso de Letras pela Faculdade de Ciência e Letras de Assis – Unesp. Fez especialização em MBI Metodologia do Ensino de Artes pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER. Funcionário Público exercendo suas funções no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Dra. Betti Katzenstein – CPPA, da FCL Assis. Suas primeiras atividades artísticas datam do início da década de 80 quando participou do Movimento Alternativo. De 2010 até 2014, coordenou e ministrou aulas de pintura em tela (ost) na Unati - Universidade Aberta à Terceira Idade (FCL/Assis). Oportunamente, por todo esse tempo, vem participando de eventos artísticos e literários diversos: exposições de

telas e desenhos, publicações de seus poemas em antologias poéticas e divulgações nas mídias sociais. Con.Viver com arte é um hobby diário: dedica-se ao desenho e pintura artística, elaboração de poesias, (re) leituras e a divulgação de seus trabalhos em eventos afins e diversos, principalmente na internet. Contatos e páginas de sites: miguel.s.zanirato@unesp.br
<https://www.facebook.com/miguel.sanches.zanirato>
<https://www.facebook.com/groups/160671180674319/>
<https://www.saatchiart.com/MiguelSanchesZanirato>

Nayara Campos dos Santos

Nasceu em Santo André- SP, no ano de 1991. A autora tem licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, licenciatura em Pedagogia, especialização em Bullying e Violência Escolar, especialização em Ensino de Ciências e atualmente é discente do Programa de Pós-Graduação em Educação na FCT/Unesp. Profissionalmente atua como docente na rede estadual de ensino. Uma grande entusiasta da literatura desde quadrinhos até os pensadores filosóficos, sempre se aventurou a escrever diários como forma de se entender dentro do universo a das crises existenciais que permeiam a vida, porém nunca se arriscou a publicar.

Contato: @nahcampos91

Pedro Henrique Visentini Pantarotto

Nasceu em Presidente Prudente-SP, no ano de 2001. Autor de muitos pensamentos, porém de pouca escrita, está é a sua primeira publicação. A escrita o intriga e desperta uma sensação ímpar de entusiasmo, quando as palavras certas são postas e expostas à mesa.

Estudante de Licenciatura em Matemática na Unesp-FCT, pensa que a matemática deveria ser mais palpável, pois é fato que ela o é, mesmo que não venha assumindo esta forma, a educação matemática atual é uma fração, contudo não está em sua forma irredutível; e para que os olhos mais simples possam se maravilhar, faz-se necessário simplificar, a matemática é literal e concreta. Como diria Galileu Galilei “A matemática é o alfabeto no qual Deus escreveu o universo”.

Seu hobby é mexer com ferramentas, construir e consertar coisas. A possibilidade de fazer algo útil com as próprias mãos e fazê-lo do jeito que puder e quiser, é relaxante e gratificante.

Pedro Pereira Spósito de Almeida

Tem 23 anos e é estudante de História, na Unesp de Franca. Atualmente, está escrevendo um romance. Já ganhou 5 concursos literários de poesia pela “Editora Trevo”, um pela “Editora Vivara” e o último pela “Lura Editora”, que será publicado nos Estados, e aqui.

Sinésio Ferraz Bueno

É professor do Departamento de Filosofia da Unesp, e trabalha em sala de aula há 33 anos. É autor do livro digital “O fascismo em dez lições” (disponível para download gratuito pela Editora Unesp), voluntário do Centro de Valorização da Vida, e frequentador assíduo de trabalhos do Santo Daime.

Thaíssa Diogo Gonçalves

Natural de Juiz de Fora, Thaíssa Diogo tem dificuldades de escrever textos sobre si mesma, ainda que saiba que tem de dizer que atualmente mora em São Paulo, faz medicina e que desde pequena sabe que o significado de sua vida está contido dentro da literatura.

Thiago de Moraes dos Passos

Nasceu em Osasco-SP em 1986. Doutorando em Geografia pela Unesp, campus de Presidente Prudente-SP. Em sua produção bibliográfica, escreveu capítulos de livros e artigos que versam - em uma linguagem hermenêutico fenomenológica - sobre a relação do ser humano com o mundo; conhecimento geográfico e a geopoética do habitar. Muito dos fragmentos poéticos do autor estão esparsos em textos acadêmicos ou condensados em sua dissertação de mestrado, intitulada: "Habitando o Patrimônio Arquitetônico: os curadores da Vila de Paranapiacaba, Santo André-SP" e de sua tese de doutorado: "Crônicas do Patrimônio Arquitetônico Habitado: paisagem e temporalidade da vila de Paranapiacaba".

Tiago Rafael dos Santos Alves

É graduado em História, Pedagogia e Gestão Ambiental, é pós-graduado em Libras, Maçonologia, Educação em Direitos Humanos e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho. Mestrando pelo PPGG-MP da FCT/Unesp de Presidente Prudente-SP. Professor da Rede Estadual de São Paulo e da Faculdade de Direito da Alta Paulista (FADAP) em Tupã-SP. Autor do livro: Breves ensaios sobre a história de Adamantina.

Também participa de diversas coletâneas de poesias, contos e crônicas. É membro correspondente da Academia Caratinguense de Letras, Academia Maçônica de Letras de Juiz de Fora e da Confraria Maçons em Reflexão.

Vitor Rodrigues Blanco

É um autor jovem e com um estilo amador, tendo seus primeiros textos publicados na plataforma "Wattpad.com" usando como pseudônimo o *nickname* "@WhitePoet_". Nascido na cidade de São Paulo, no ano de 2002. Veio para Presidente Prudente como estudante da Graduação de Arquitetura e Urbanismo na FCT/Unesp, atualmente cursando o terceiro ano. Para Vitor, a escrita é uma prática de contemplação de tudo aquilo que somos, mas que encontra-se perdido. A primeira edição do Prêmio Carcará o marcou, sendo a sua primeira publicação como escritor de poesia. Por isso, é uma grande alegria continuar presente na segunda edição do Prêmio, trazendo um novo olhar sobre este Mundo pós-pandemia. Para o conhecer melhor, siga o seu perfil pessoal no Instagram: @vitor.0blanco__